NEWS

IBEF

INSTITUTO BRASILEIRO DE EXECUTIVOS DE FINANÇAS – IBEF SÃO PAULO

IBEF São Paulo

www.ibefsp.com.br

ANO XVI ~ Nº 180

JULHO/AGOSTO 2014

GRAPPA EDITORA

A ressaca da COPA

Executivos e economistas avaliam qual foi o placar do Mundial para a atividade econômica do país e o que esperar daqui para frente

Bruno Hideo Omori
ABIH-SP

Daniel Levy
TAM

Alfredo Benito
Samsung

Rogério Menezes
AkzoNobel PPC

Leonardo Dib
Netshoes

Marcos Troyjo
Columbia University

Maria Cristina Barros
MB Associados

Vitor José Fabiano
GRSA

A reinvenção da Microsoft contada por seu CEO

30 anos de Socioesportivo

IBEF Master reúne associados mais antigos

CredRisk Seguros
Especializada em Corretagem de Seguro de Crédito

A visão de um especialista é fundamental na tomada de decisões cruciais que envolvem múltiplas escolhas. A CredRisk, com experiência e especialização, pode auxiliá-lo a determinar os benefícios que sua empresa poderá obter por meio da contratação de um seguro de crédito. Caso você já tenha este tipo de seguro, a CredRisk poderá auxiliá-lo a aprimorar as condições e custos de suas apólices.

Trade Credit Insurance
Working Capital Solutions
Credit Consultancy

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2601 - 8° andar
(+ 55 11) 3031-8850 / www.credriskseguros.com / www.credpartner.com
Brazil-Argentina-Chile-EUA-Grã Bretanha-Alemanha-França-Itália-Holanda-Turquia-Rússia-China

EDITORIAL

José Claudio Securato
Presidente da Diretoria Executiva do IBEF SP
jcsecurato@ibefsp.com.br

Um novo ciclo

Amigos ibefianos, trago uma grande notícia. A *IBEF News* iniciará, em breve, um novo ciclo de vida: em vez de receber as notícias e as coberturas dos eventos apenas a cada dois meses, essas informações chegarão até vocês com muito mais velocidade, caberão no bolso e serão atualizadas em tempo real. Isso porque a *IBEF News* deixará de ser uma revista impressa para se transformar em uma plataforma de comunicação totalmente digital, muito mais presente, rápida e interativa para os associados.

As mudanças não estão apenas na forma, mas também no conteúdo. Com uma proposta editorial renovada, que tem o CFO no centro dessa comunicação, a nova plataforma de comunicação do IBEF SP abrangerá, além das notícias sobre eventos realizados, também colunas setoriais, análises de conjuntura, artigos sobre tendências de mercado e transformações na área de finanças. Ao mesmo tempo em que oferecerá um leque maior de conteúdos para os associados, o instituto também avançará em sua agenda positiva, utilizando recursos de forma mais eficiente e sustentável.

Esta edição de despedida da revista está com vários conteúdos especiais. Na matéria de capa, compilamos a análise de CFOs em diversos setores para responder a pergunta: "A Copa do Mundo foi um bom negócio para o Brasil?". Propomos, com a distância necessária do calor dos acontecimentos, uma análise sobre o saldo do Mundial e sua influência para o ritmo da economia até o final do ano.

Publicamos também uma entrevista exclusiva com o presidente da Microsoft Brasil, Mariano de Beer, na seção Ping-Pong. Ele explica como a companhia está se transformando para competir no mercado de soluções na nuvem e no mercado de dispositivos móveis acessíveis – este último estimado em US$ 50 bilhões ao ano! Saiba também por que o Brasil se tornou a "menina dos olhos" da corporação e quais são os investimentos recentes que comprovam essa afirmativa.

Neste último número da *IBEF News*, preparamos um presente: um especial sobre o Encontro Socioesportivo. Venham relembrar os melhores momentos da 30ª edição desse grande evento, que nasceu da amizade entre os associados, na década de 1980, e hoje reúne centenas de executivos de finanças e seus familiares para confraternizar, praticar esportes, fazer networking e trocar informações relevantes. Imperdível.

Agora nosso próximo encontro será no mundo digital. Até breve!

DESAFIO**2014**

REDUZIR CUSTOS COM PLANOS DE SAÚDE.

A **Victory Consulting,** corretora e consultora de benefícios, entende que a redução do custo fixo é uma tarefa desafiadora para os dirigentes financeiros. Por isso, conquistamos diversos *savings* para nossos clientes. Estamos aguardando o seu contato para desenharmos um projeto exclusivo de **GESTÃO INTEGRADA DA SAÚDE**.

diretoria@victorysaude.com.br
11.5088.9900

ANO XVI ~ Nº 180 ~ JULHO/AGOSTO 2014

NEWS IBEF
INSTITUTO BRASILEIRO DE EXECUTIVOS DE FINANÇAS – IBEF São Paulo
www.ibefsp.com.br

Avenida Juscelino Kubitschek, 1.726 – Ed. Spazio JK
15º andar – Conj. 151 – 04543-000 – São Paulo – SP
Tel 11 3016-2121 – Fax 11 3016-2124
ibefsp@ibef.com.br
www.ibefsp.com.br

Conselho de Administração
Presidente: Henrique Luz
Vice-presidente: Keyler Carvalho Rocha
Conselheiros: André Luis Rodrigues
Eduardo de Toledo
Enéas Pestana
José Rogério Luiz
Pedro Augusto de Melo
Rodrigo Kede de Freitas Lima
Walter Machado de Barros

Diretoria Executiva
Presidente: José Claudio Securato
Primeiro vice-presidente: Marco Aurélio de Castro e Melo
Vice-presidentes: André de A. Souza
Antonio Sérgio de Almeida
Bernado Szpigel
Charles Krieck
Daniel Levy
Edmundo Luiz P. Balthazar
José Roberto Lettiere
Leopoldo V. Saboya
Luciana Medeiros von Adamek
Luiz Roberto Calado
Marcela Drehmer Andrade
Marcelo de Lucca
Mário Allan Ferraz Mafra
Diego Patricio Espinosa

Conselho Fiscal
Presidente: Wagner Mar
Conselheiros: Mário Togneri
Paulo Bezerril Jr.
Suplentes: Carlos Roberto de Mello
José Adalber Alencar
José Cesar Guiotti

Comitê Editorial
Presidente: Rubens Batista Jr.
Diretor-gerente: Mario de Rezende Pierri
Membros: Geert Aalbers
Luis Carlos Cerresi
Maria Lucia de Almeida Prado e Silva
Paulo Pires
Rosangela Sutil
Sergio Volk
Stephane Engelhard
Vitor José Fabiano
Walter Machado de Barros

Conselho Consultivo
Presidente: Carlos Alberto Bifulco
Membros: Antonio Luiz Pizarro Manso
Britaldo Soares
Getúlio Arrigo
Leonardo Rocha
Luis Felipe Schiriak
Renato Frascino
Roberto Oliveira de Lima
Rubens Batista Jr.
Thomas Brull
Waldir Corrêa

A IBEF News é uma publicação bimestral do IBEF SP inteiramente produzida pela Grappa Editora e Comunicação Ltda.
Conselho Editorial: Comissão de Relações Públicas do IBEF SP

GRAPPA editora e comunicação
www.grappa.com.br
55 11 2533-0544

Diretoria
Adriano De Luca e
Juliano Guarany De Luca

Jornalista Responsável
Adriano De Luca
(Mtb nº 49.539)

Direção de Arte
Paula Cristina d'Andréa

Editor-chefe
Juliano Guarany De Luca

Editora
Débora Soares

Redação
Débora Soares

Revisão
Jaqueline Couto

Publicidade
comercial@grappa.com.br

Redação
redacao@grappa.com.br

Tiragem
2.500 exemplares

CAPA: Shutterstock – Jack Frog

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA – Não pode ser comercializada. As opiniões emitidas nos artigos assinados não refletem necessariamente as posições do IBEF SP e são de exclusiva responsabilidade dos autores. A reprodução total ou parcial do conteúdo da publicação depende de autorização por escrito.

Índice

6 **RAPIDINHAS E PROGRAME-SE**

34 **COMISSÕES EM AÇÃO**
Temas quentes no mundo corporativo

36 **SEMINÁRIO MERCADO DE CAPITAIS**
As visões do emissor, do investidor e do intermediário sobre o momento do mercado

39 **ALMOÇO DIRETORIA VOGAL**
Expectativas para o segundo semestre de 2014

41 **JANTAR IBEF MASTER**
Uma reunião da memória do IBEF SP

51 **INSIGHTS TECNOLÓGICOS**
Do benefício ao malefício em um passo

52 **ARTIGO**
Sobre competitividade industrial, câmbio e inflação

54 **ARTIGO INEPAD**
O dilema entre renda fixa e renda variável no Brasil

56 **COLUNA OCTAVIO DE BARROS**
Os juros em 2015

60 **IBEF MULHER**
Muito além de uma questão de gênero

61 **MINIBIOGRAFIA**
José Carlos Magalhães em uma página

62 **IBEF JOVEM**
Gerenciando a carreira em anos desafiadores

63 **DICA DE CARREIRA**
Não basta dominar números

64 **DESEJO**

65 **TURISMO**
Uma visita a Barcelona

66 **LEITURA**

67 **EXECUTIVOS & EMPRESAS**
A trajetória de Stéphane Engelhard, VP de assuntos corporativos do Carrefour

68 **ANIVERSARIANTES**

69 **NOVOS ASSOCIADOS**

70 **OPINIÃO**
Desafios: finanças islâmicas no Brasil

DESTAQUES

8 **PING-PONG**
IBEF News entrevista o CEO da Microsoft Brasil

10 **30 ANOS DO SOCIOESPORTIVO**
Cobertura especial do melhor evento de relacionamento para os CFOs no Brasil

44 **MATÉRIA DE CAPA**
A Copa do Mundo foi um bom negócio para o Brasil?

RAPIDINHAS *Fotos: Divulgação/Arquivo*

Alfredo Benito assumiu a diretoria financeira da Samsung em abril. Anteriormente, ele foi CFO da fabricante de computadores Lenovo, apoiando o crescimento da companhia no país por quatro anos. Já liderou a área de finanças das empresas Anglo American (Copebrás e Mineração Catalão), Monsanto, Syngenta, Ericsson e Laboratórios Whyeth-Whitehall. Benito é formado em engenharia de produção pela Escola Politécnica da USP, com pós-graduação em finanças pela FGV. Soma ao currículo, ainda, o curso de direito na USP.

O vice-presidente de Relações Institucionais do IBEF SP, **Luiz Roberto Calado**, foi convidado para a VI Conferência de Cúpula do Brics, realizada entre os dias 14 e 15 de julho, em Fortaleza. O encontro reuniu os chefes de Estado do grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. "O mundo passa ainda por uma das suas piores crises; países como Portugal, Espanha e Grécia lidam com taxas de desemprego assustadoras. O Brasil se destaca na América Latina, passando longe da situação da Venezuela e da Argentina, e ganha força ao se aliar com outros países do Brics", destacou o economista.

Rogério Neri Menezes, membro da Diretoria Vogal e CFO da AkzoNobel PPC, foi um dos palestrantes convidados na Conferência Nacional de Práticas de Gerenciamento de Capex "Capex Investment Management", realizada nos dias 27 e 28 de agosto, no hotel Paulista Plaza, em São Paulo. Menezes abordou o papel de cada área corporativa no planejamento, coordenação e execução de projetos e investimentos em Capex.

O ibefiano **Carl Douglas**, controller corporativo do Grupo CCR, é o primeiro brasileiro a integrar o Ifric (*International Financial Reporting Interpretations Committee*). O conhecimento adquirido no comitê internacional será aproveitado pelo Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC) brasileiro, no qual Douglas contribuirá com as discussões voltadas à aplicação das normas IFRS no país.

PROGRAME-SE

16 de setembro
Café da Manhã

8h às 10h – IBEF São Paulo

Comissões de Finanças Corporativas e Mercado de Capitais

Derivativos nas Tesourarias de Empresas

Palestrante: Rosana Passos de Pádua, diretora financeira da CSN

31 de outubro
Premiação

12h às 14h – Hotel Unique, São Paulo

Almoço de Premiação – 11º Prêmio Revelação em Finanças IBEF SP/KPMG

13 de novembro
Painel

8h às 12h – IBEF São Paulo

Painel CFO / CVM Cenários

5 de dezembro
Premiação

19h30 – Hotel Unique, São Paulo

Jantar de Premiação 2014 – O Equilibrista e Destaques IBEF SP

EY
Building a better working world

EY, apoiadora oficial do Rio 2016.

Serviços de Auditoria
Consultoria de Negócios
Gestão Tributária
Assessoria em Transações

ey.com.br

facebook | EYBrasil
twitter | EY_Brasil
linkedin | ernstandyoung
app | ey.com.br/eyinsights

Baixe o app EY Insights gratuitamente na Apple Store ou no Google Play e conheça nossos estudos e publicações.

Rio2016
APOIADOR OFICIAL
TM Rio 2016

Foto: Divulgação

A reinvenção da Microsoft

Mariano de Beer, presidente da Microsoft Brasil, explica a transformação da companhia para o mundo mobile-first *e* cloud-first

*Há **mais de 24 anos** no país, a Microsoft aposta na paixão do brasileiro por novidades tecnológicas e nas melhores condições de acesso aos produtos, demanda aquecida com o crescimento da classe C e o aumento do poder de compra da população. Uma das grandes promessas do novo momento da companhia – não só por aqui, como no restante do mundo – **é a** área de mobilidade. Com o negócio de aparelhos móveis da Nokia, a companhia vai focar no mercado mais acessível, oportunidade estimada em US$ 50 bilhões ao ano.*

IBEF NEWS: A Microsoft vive uma transformação para tornar-se uma empresa de dispositivos e serviços. Junto aos indicadores de queda nas vendas globais de PCs, o que foi decisivo para essa mudança de posicionamento?

MARIANO DE BEER: Nosso CEO, Satya Nadella, anunciou, em julho, que a Microsoft é a empresa de plataforma e produtividade para o mundo *mobile-first* e *cloud-first*. Estamos focados em reinventar a produtividade para capacitar cada pessoa e organização no mundo para fazer mais e conquistar mais. Nós pensamos em *dual users* (usuários múltiplos), o que significa que as pessoas usam a tecnologia no trabalho, na escola, na vida e há experiências que os unem. Sempre tivemos as pessoas no centro da idealização de nossos projetos. Foi assim desde os primórdios da revolução do PC e depois com a criação do Windows e do Office. Agora, com a evolução da web e o surgimento de um número cada vez maior de dispositivos, essa continua a ser uma máxima para a companhia. Nosso objetivo é conectar as pessoas quando e como quiserem, por meio do equipamento que acharem mais conveniente. Hoje, a Microsoft é capaz de fazer isso por meio do Windows, presente em mais de 1,3 bilhão de PCs no mundo, do Windows Phone, do Xbox, do Xbox SmartGlass (que leva o console para portáteis) e do Skype; isso só para citar alguns exemplos.

IN: Para quais tendências o mundo digital caminha?

MB: A inovação possibilitada pela gestão eficaz de dados é, sem dúvida, uma das principais revoluções que veremos. E na esfera dos governos, esse potencial é ainda maior. Trabalhamos fortemente no desenvolvimento de soluções que permitam que governantes utilizem a gestão de dados para aprimorar a qualidade dos serviços que oferecem aos cidadãos, seja em saúde, educação, segurança ou qualquer outra área. Através do Microsoft Research, nossa divisão de pesquisas, também temos acompanhado de perto a tendência dos dispositivos vestíveis desde o início dos anos 2000. O desenvolvimento de sensores menores, mais confortáveis e com maior tempo de bateria, tem nos permitido criar, por exemplo, joias, colares e até mesmo inserir tecnologia em tecidos para confecção de roupas.

IN: Nesse período de transformações, qual o retrato das operações no país?

MB: O Brasil está entre as dez operações mais relevantes para a Microsoft no mundo, a operação local cresce acima da média do mercado de tecnologia. É a menina dos olhos da Corporação e os recentes investimentos feitos no país são prova disso. O Brasil é o único país, além da China, a abrigar uma fábrica do console Xbox, por exemplo. Além disso, temos no país um data center para Office 365, criamos uma nova região do Microsoft Azure e inauguramos um Centro de Tecnologia Microsoft em São Paulo. A criação de um ATL (laboratório avançado de tecnologia do Microsoft Research), de uma aceleradora para *startups* e de um centro de desenvolvimento do Bing, nosso sistema de buscas na internet, são outros movimentos que demonstram nosso compromisso com o país.

IN: Em agosto de 2014, você completou o seu primeiro ano no comando da Microsoft Brasil. Qual tem sido o maior desafio: oferecer o melhor serviço em um mercado altamente competitivo ou gerir a reinvenção cultural da própria organização?

MB: No dia a dia da Microsoft, eu diria que esses são dois aspectos que dialogam entre si o tempo todo. Nosso momento de transformação nada mais é do que o resultado da busca por oferecer aos clientes a solução que mais se adeque às suas necessidades. Aliado à inovação, esse é o caminho que vislumbramos para ampliar nossa competitividade no dinâmico mercado de tecnologia. Nossos resultados têm mostrado que a estratégia está certa, o que nos motiva a evoluir cada vez mais.

IN: Quais divisões de negócios apresentaram melhor desempenho?

MB: Além do fim da divisão entre consumidores corporativos e usuários finais, o advento das quatro megatendências de TI – nuvem, *big data*, mobilidade e redes sociais – é outro ponto que norteia os negócios dessa nova companhia na qual a Microsoft se transforma todos os dias. A companhia anteviu esse novo contexto há pelo menos cinco anos e hoje somos a única empresa posicionada fortemente em todas as vertentes, algo que nos garante vantagem competitiva intangível. No terceiro trimestre fiscal, encerrado em 31 de março, tivemos faturamento de US$ 20,4 bilhões em todo o mundo. A receita do Office 365, pacote de softwares de produtividade baseado na nuvem, para empresas, cresceu mais de 100%. Já o faturamento do Microsoft Azure, plataforma de nuvem pública da companhia, teve evolução de cerca de 150% no período.

IN: Em quais diferenciais a Microsoft aposta para ampliar a participação no mercado de dispositivos móveis?

MB: O crescimento de participação de mercado do Windows Phone no país tem acontecido de forma acelerada. A plataforma registrou quatro trimestres consecutivos de crescimento e disputamos o segundo lugar do mercado de sistemas operacionais móveis no Brasil, que já é considerado o quarto maior do mundo. Com o negócio de aparelhos móveis da Nokia, a companhia vai focar no mercado acessível de dispositivos móveis, oportunidade estimada em US$ 50 bilhões ao ano, entregando a primeira experiência móvel para o próximo bilhão de pessoas enquanto apresenta os serviços Microsoft a novos clientes em todo o mundo.

IN: Quais soluções a companhia oferece para apoiar o trabalho dos CFOs?

MB: A gestão eficaz do imenso volume de dados relacionados às empresas – fenômeno batizado de *big data* – é fundamental para apoiar o trabalho de CFOs, auxiliando-os na tomada de decisões de negócio com base na análise inteligente de informações. A Microsoft está pronta para apoiar executivos nesse processo por meio de recursos como o SQL, que permite um aumento de cerca de 30 vezes na velocidade de tratamento de dados. Também oferecemos a plataforma Microsoft Azure, que dá aos CFOs a possibilidade de hospedar sistemas estratégicos no ambiente de *cloud computing*. Além do acesso ágil às informações (seja em um PC tradicional, tablet ou smartphone), o Azure também possibilita reduções de custo ao eliminar, por exemplo, despesas com a compra de equipamentos servidores. Ainda pensando em mobilidade, o Office 365 é outra solução que pode apoiar os CFOs ao permitir a alteração e o compartilhamento de arquivos de qualquer dispositivo e até mesmo por meio de uma rede social corporativa, o Yammer. O executivo pode, por exemplo, alterar uma planilha em Excel do seu celular e enviar esse arquivo para o restante da equipe enquanto está no táxi, entre uma reunião e outra. ❖

Por Redação / Fotos: Guto Marques

30 anos do Encontro Socioesportivo

Ao longo de três décadas, o Encontro Socioesportivo consagrou-se como o melhor evento de relacionamento para os executivos financeiros no Brasil. De um encontro pequeno e informal, nascido da amizade entre os associados, o Socioesportivo evoluiu para um megaevento que hoje reúne centenas de executivos e suas famílias, recebe atletas, artistas e formadores de opinião reconhecidos nacionalmente e oferece infraestrutura completa para a prática de diversas modalidades esportivas. Foi assim que o Socioesportivo chegou à sua 30º edição em 2014.

Mesmo com o passar dos anos – e de tantas gerações de ibefianos que ajudaram a construir e inovar esse grande evento – a essência do encontro permanece: a confraternização entre amigos, o fortalecimento do networking e a troca de informações relevantes para os executivos de finanças.

Caro leitor, convidamos você a explorar esta seleção especial dos melhores momentos da 30º edição do Encontro Socioesportivo. Aqui celebramos a participação de todos os associados, apoiadores e patrocinadores desse incomparável evento. Seja bem-vindo!

A 30ª edição do Encontro Socioesportivo aconteceu entre os dias 30 de abril a 04 de maio, no Hotel Tivoli Ecoresort, um encantador cenário, envolto pela beleza natural da Praia do Forte, na Bahia.

COQUETEL IBEF NACIONAL DE BOAS-VINDAS

No dia 30 de abril, os ibefianos foram recepcionados com um animado coquetel de boas-vindas do IBEF Nacional, repleto de iguarias com o saboroso tempero baiano. A Brasil Kirin ofereceu esse momento especial aos associados e seus familiares.

Da esq. p/ a dir.: José Carlos Monteiro (IBEF MG); Henrique Gaede (Gaia Silva Gaede & Associados); Marcos Varejão (IBEF RJ); Sergio Sotelino (IBEF ES); Carlos A. Teixeira de Oliveira (IBEF MG); Keyler Carvalho Rocha (FIA); José Cláudio Securato (Saint Paul Escola de Negócios)

Da esq. p/ a dir.: Keyler Carvalho Rocha (FIA); Fabio Marchiori (Brasil Kirin); José Cláudio Securato (Saint Paul Escola de Negócios)

"Estamos muitos felizes com os 30 anos do Socioesportivo. Nesta edição, expandimos o nosso patrocínio: estamos com a cerveja da marca Devassa, em todas as refeições, e a marca Baden, que foi grande sucesso no ano passado. Trouxemos também a Água Schin, que agora é uma marca que todos conhecem porque patrocinou o time Ituano, campeão paulista em 2014."

Fabio Marchiori (Brasil Kirin)

COQUETEL TIVOLI/ IBEF MULHER

No dia 1º de maio, a noite foi da mulherada, brindada com um coquetel organizado pelo IBEF Mulher e patrocinado pelo hotel Tivoli Ecoresort.

Da esq. p/ a dir.: Rita Martins (Muniz MM); Luciana Medeiros (PwC); Cidinha Lima (Omint); Valéria Natal (Distillerie Stock); Ivanyra Correia (Zurich Seguros); Sonia A. Fanhani (Schneider Eletric)

"São 30 anos de Socioesportivo, três anos de parceria com o Tivoli, e eu gostaria, em nome de todo o staff do hotel, os nossos 500 funcionários, parabenizar e agradecer a Diretoria do IBEF SP."

João Eça Pinheiro (Tivoli Ecoresort Praia do Forte)

COQUETEL MICHAEL PAGE

Consultoria especializada no recrutamento de executivos financeiros, a Michael Page ofereceu uma sofisticada recepção para os CFOs no dia 2 de maio.

Da esq. p/ a dir.: Marco Castro (PwC); Marcelo de Lucca (Michael Page)

Da esq. p/ a dir.: Ana Candida; Felipe Guarnieri (Serasa Experian); Gil Van Delf (Michael Page); Ivanyra Correia (Zurich Seguros)

"Nossa parceria com o IBEF tem a mesma idade da nossa empresa no Brasil: são mais de 14 anos de uma intensa relação, trocando experiências e sempre aproximando o executivo de finanças das oportunidades e dos conteúdos mais relevantes do mercado."

Marcelo de Lucca (Michael Page Executive Search)

MEMÓRIA IBEF SP

"Eu sempre pratiquei esportes na vida. No começo da década de 1980, eu era vice-presidente do IBEF SP e achava que o instituto tinha que ter outras atividades além da parte técnica. Pensei em fazer um campeonato de tênis e convidei alguns executivos financeiros. Depois desse torneio, sugeri fazermos uma atividade socioesportiva todos os anos, com esse nome, Socioesportivo. Daí para frente nós fomos para Monte Sião, Barra Bonita, Atibaia e o evento foi crescendo."

Waldir Correia

LATE HAPPY HOUR TOTVS

Charutos, boa conversa e um brinde para encerrar a noite.

Da esq. p/ a dir.: Tarcisio Adamek (Totvs Consulting); Denis Del Bianco (Totvs Consulting); Rogério Menezes (AzkoNobel PPC); Lelio de Souza Jr. (Totvs); Alexandre Mafra (Totvs)

"Venho para o Socioesportivo há mais de 20 anos. Eu gosto de praticar esportes, então é um prazer jogar com os amigos que também são executivos e me divertir na companhia dos meus familiares."
Eduardo de Toledo, gestor executivo da MSP Fundo de Investimentos em Participações

Palestra com Gilberto Dimenstein (Patrocínio PwC)

"Engana-se quem pensa que o contrário da vida é a morte. O contrário da vida é a repetição."

Gilberto Dimenstein

"Eu mudei toda a minha palestra. Vocês me desculpem pela improvisação, mas eu mudei por alguns motivos. Quando eu estava no avião, li uma reportagem da revista *The Economist* que trazia estatísticas inacreditáveis sobre como está mudando a idade do trabalhador no mundo – especialmente a do trabalhador do ensino superior, o caso de vocês." Assim começou a palestra do jornalista e educador Gilberto Dimenstein, considerado uma das personalidades mais influentes do país. Engana-se quem pensa que a humildade de assumir tal improviso seria fruto de alguma displicência do palestrante. Sabiamente, Dimenstein já introduzia, nessas primeiras frases, a essência da mensagem que pretendia passar na próxima hora.

O dado surpreendente, ao qual ele se referiu, é que 65% dos americanos com ensino superior e idade entre 65 e 74 anos estão trabalhando. Para Dimenstein, o grande aproveitamento desse grupo, hoje chamado de terceira idade, possui explicações que vão além da melhoria da qualidade de vida e dos avanços da medicina. São pessoas que combinaram a experiência com a capacidade de inovar – qualidades se transformaram em "ouro" para as organizações. "Não basta só a experiência, é preciso ter capacidade de inovar, de se reciclar. Essa combinação entre pessoas experientes, com mente aberta, e pessoas jovens talvez seja o segredo das empresas que perduram", destacou o jornalista.

Aprender continuamente

"A mãe das invenções é a combinação entre diversidade e inquietude. Por isso, você tem grandes invenções nas grandes cidades", ressaltou Dimenstein. O jornalista Dimenstein integrou a incubadora de projetos sociais da Universidade de Harvard e chamou a atenção para a conclusão de uma pesquisa feita pela universidade: quanto maior a diversidade de profissões e a proximidade física entre as pessoas, maiores as chances de inovação. "A atividade de conhecimento deve ser feita a cada segundo. As empresas que não obedecerem à regra de reciclagem e aprendizado permanente irão quebrar", alertou.

Dimenstein recebeu os principais prêmios brasileiros de jornalismo e literatura. Atualmente, é coordenador do site *Catraca Livre*, que foi eleito, em 2013, por um júri formado por especialistas da Universidade de Oxford, BBC e *Financial Times*, uma das cem inovações digitais com impacto social mais inspiradoras.

"A PwC patrocina a palestra de abertura do Socioesportivo há muitos anos. Temos a honra de receber o jornalista e educador Gilberto Dimenstein para este evento."
Marco Castro (PwC)

José Carlos Monteiro (IBEF MG)

Marco Castro (PwC)

"O Socioesportivo é um momento único de confraternização entre todos os associados, com as suas respectivas famílias. É também muito importante o apoio dos patrocinadores que nos proporcionam esses momentos de diversão. Que venham os próximos 30 anos!"
Ivanyra Correia, CFO de Seguros Gerais da Zurich

MEMÓRIA IBEF SP

"Na formatação do primeiro Socioesportivo, decidimos reservar um hotel com todos os associados e seus familiares. O primeiro foi o Hotel Guarani, em Monte Sião. A partir daí, houve um desenvolvimento extraordinário. No começo, fomos para hotéis no interior de São Paulo. Então, começamos a receber ibefianos de outras regiões, que souberam do nosso movimento e queriam participar do nosso fim de semana com a família. A partir daí, tivemos que criar o Socioesportivo em nível nacional e convidar os ibefianos do Brasil inteiro."

José Natal

MEMÓRIA IBEF SP

"Na minha gestão, demos um upgrade no evento com a comemoração dos 20 anos do Socioesportivo. Fizemos um grande jantar debaixo de uma grande tenda, onde conseguimos integrar todos os 600 participantes, e foi algo muito bonito, muito glamouroso. E trouxemos, pela primeira vez, artistas nacionais para fazer um show: a Elba Ramalho, junto com o Olodum. Outra inovação foi trazer grandes conferencistas para fazer a palestra de abertura do evento. Acredito que, a partir daí, nascia a face atual do Socioesportivo."

Walter Machado de Barros

"Essa é a quarta vez que venho ao Socioesportivo. Essa pausa, poder ficar três dias praticamente desligado da sua agenda profissional, renova o estado de espírito. E, ao mesmo tempo, é ótimo encontrar outros executivos em um momento diferente do habital, estamos todos a lazer."
Luciano Lima, CFO da Cromex

Na 30ª edição, o esporte foi o grande vitorioso. Todas as modalidades bateram recordes de inscrições!

CAMINHADA ENERGÉTICA SODEXO

Participantes da Caminhada Energética da Sodexo

"A Sodexo sempre caminhou junto ao IBEF SP. Nós entendemos que estar ao lado do instituto é estar ao lado dos principais tomadores de decisão do país e fazer com que eles nos conheçam cada vez mais."
Mauro De Marchi (Sodexo)

TORNEIO DE BIRIBOL SERASA EXPERIAN

Torneio de Biribol

"Somos parceiros do IBEF SP há mais de uma década. Esse trabalho em conjunto é muito consistente porque nós temos os mesmos valores, o que faz com que a gente consiga fazer ações muito próximas e direcionadas para os executivos da área financeira."
Paulo Melo (Serasa Experian)

"É a primeira vez que participo do Socioesportivo e adorei. O problema é que agora eu e minha família vamos ter que vir todas as vezes, daqui para a frente!"
Felipe Guarnieri, gerente financeiro da Serasa Experian

TORNEIO DE VÔLEI OMINT

Participantes do Vôlei Omint

Cícero Barreto (Omint)

MEMÓRIA IBEF SP

"Os primeiros encontros do Socioesportivo em nível nacional foram emocionantes. Aparecia o pessoal de Minas, do Rio de Janeiro, de Fortaleza, de Campinas, de Porto Alegre, de Curitiba. Foi realmente uma mudança de patamar, de referência. Um subproduto disso, que considero importante, é que o Socioesportivo permitiu aos associados desenvolver um novo núcleo de amigos e essa amizade extravazou para fora do evento."
Francisco Céspede

"A Omint tem um posicionamento muito claro de oferecer o melhor do mundo da saúde na medicina e na odontologia. Nada melhor do que trazer a nossa marca para as ações do IBEF para alcançar os tomadores de decisão das principais empresas do Brasil."
Cícero Barreto (Omint)

"Frequento o Socioesportivo há mais de dez anos. É ótimo porque você participa de um evento de esportes com os colegas, os amigos e a família, em um lugar perfeito. Esse foi o espírito dos pioneiros, há 30 anos, e essa essência se manteve, com um evento melhor a cada ano."
José Rogério Luiz, vice-presidente de planejamento da Netshoes

"O evento é muito bom pelo equilíbrio que existe entre a prática esportiva, a integração da família e a rede de relacionamento que você faz com os seus pares nas outras empresas. Essa combinação é campeã."
Luis André Blanco, CFO da OdontoPrev

OPEN DE TÊNIS TAM

A TAM Linhas Aéreas inovou com a criação de um Open de Tênis no Socioesportivo. A organização cuidadosa do torneio e o clima de competição fizeram com que muitos participantes se sentissem verdadeiros profissionais nas quadras. O *ace* do torneio foi a realização dos jogos PRO/AM, em que ibefianos tiveram a oportunidade enfrentar atletas consagrados: Fernando Meligeni, Carla Tiene e Dácio campos.

"O Socioesportivo é um dos eventos mais gostosos que eu faço: temos CFOs renomados esquecendo que são executivos para virarem atletas por quatro dias!", comemora Fernando Meligeni.

Participantes do Open de Tênis da TAM

"O evento superou nossa expectativa enormemente. Trouxemos um grupo de tenistas profissionais que abrilhantou o torneio e ficamos muito satisfeitos com a resposta do público. Espero que esse seja um marco para continuarmos a parceira com o IBEF nos anos seguintes."
Daniel Levy (TAM Linhas Aéreas)

Tenda do Open de Tênis

Open de Tênis com as crianças

"O tênis me deu tudo na vida e também muitos amigos no Socioesportivo. Nós entramos no evento desde o início, com o intuito de fazer uma administração profissional do tênis, com regras e disciplina. Acompanhei o crescimento dos filhos de vários associados e alguns deles se tornaram meus alunos. O esporte une pessoas sadias, não é a toa que estamos fazendo isso há 30 anos!"
Wilton "Batata" Carvalho

Da esq. p/ a dir.: Fernando Meligeni; Daniel Levy (Tam); Carla Tiene

Rogério Menezes (AzkoNobel PPC) e Alice do Carmo Elias (Herman Miller)

MEMÓRIA IBEF SP

"Até 1988, o Socioesportivo acontecia no estado de São Paulo. Em 1989, na gestão do Rubens Tafner, resolvemos aumentar o tamanho do evento e torná-lo nacional. Eu era executivo do Unibanco e diretor do Club Med e, como eu fazia parte da Diretoria da época, consegui o patrocínio do banco e um desconto no hotel Club Med Rio das Pedras, lá perto de Angra dos Reis (RJ). Isso viabilizou o encontro e fizemos por vários anos nesse formato."
Hélio Duarte

COPA TOTVS DE FUTEBOL SOCIETY

Um dos torneios mais esperados do Socioesportivo, a Copa TOTVS trouxe novidades neste ano. Uma delas foi a mudança no regulamento para que as equipes fossem formadas por meio de sorteios, o que aumentou muito a integração entre participantes que antes não se conheciam. A outra foi a mudança no nome dos times, que passou a representar o novo portfólio de ofertas e soluções da companhia. Há oito anos a Totvs patrocina o futebol no Socioesportivo.

Denis Del Bianco (Totvs Consulting)

Copa Totvs – Masculino

Copa Totvs – Crianças

"Falando como CFO, considero que o Socioesportivo oferece um grande momento de descontração, de poder estar com a família, conviver com pares e trocar informações relevantes. A proximidade que esse convívio gera é extremamente interessante para nós, quando voltamos para São Paulo, pois humaniza relações e cria vínculos entre os executivos."

Alexandre Mafra (TOTVS)

Copa Totvs – Feminino

"O futebol é um esporte que tem grande adesão e faz muito sucesso no Socioesportivo. Nossa intenção é mostrar a nossa marca e compartilhar com os nossos clientes o nosso crescimento e as nossas novidades, como, por exemplo, a oferta de soluções na nuvem (*cloud computing*). Estamos muito contentes com o evento e essa parceira de oito anos."

Rodrigo Caserta (TOTVS)

AÇÃO PWC

A PwC convidou os participantes do Socioesportivo a viverem novas experiências. Durante todo o evento, a companhia ofereceu aulas de mergulho, slackline, oficina de pipas, pilotagem de drone e stand-up paddle.

Pilotagem de Drones

"É extremamente gostoso estar em um ambiente como este; eu me sinto em uma família, a família ibefiana. É também uma excelente fonte de networking."
Rogério Menezes, CFO da AkzoNobel PPC

"É um evento de confraternização, onde as famílias estão interagindo e nós vemos nossos filhos ficando amigos, convivendo neste ambiente sadio. O aniversário de 30 anos do Socioesportivo é uma coroação para o IBEF SP."
Luciana Medeiros, sócia da PwC

Prática de Skyline

Stand-up paddle

Prática de mergulho

AÇÃO NETPOINTS

Para aplacar o calor, nada melhor do que um sorvete! O lema "compartilhe a felicidade", da Netpoints, casou perfeitamente com o os carrinhos bem abastecidos de delícias refrescantes.

"Estou me divertindo e minha família também está gostando desse convívio com os colegas da profissão financeira. É um belo trabalho do IBEF e dos patrocinadores."
George Cavalcante, diretor de finanças corporativas e country controller da ITW

Reunidos sob uma grande tenda com vista deslumbrante para o mar, os participantes da 30ª edição do Socioesportivo desfrutaram de noites muito animadas, com jantares seguidos por excelentes atrações artísticas.

"Aqui a gente conhece a pessoa por detrás do executivo, as famílias, e isso humaniza as relações dentro do mundo executivo, que hoje em dia são muito frias. O Socioesportivo é uma forma de aproximar as pessoas e deixar as relações mais completas."
Leopoldo Saboya, diretor financeiro da Coopersucar

JANTAR OMINT

Da esq. p/ a dir.: Cícero Barreto (Omint); Luciana Medeiros (PwC); Heraldo Vitória (IBEF MG)

"Os 30 anos do Socioesportivo são comemorados com uma festa muito bonita. Este ano estendemos o nosso patrocínio para mais atividades, incluindo este jantar. Eu, como executivo financeiro, sei que hoje em dia quem aprova a contratação de um plano de saúde não é só o RH de uma empresa, mas também a área de finanças. A presença do CFO nessa decisão é muito importante, por isso a Omint está lá falando com quem é de direito."
Paulo Gagliardi (Omint)

MEMÓRIA IBEF SP

"O primeiro Socioesportivo foi em Monte Sião (1984), eu fui com a minha esposa e algumas pessoas levaram também os cônjuges e os filhos. Quem idealizou o Socioesportivo foi o Renato Frascino e o Waldir Correia. A ideia era reunir os associados com suas famílias para fazer um torneio de tênis e eventualmente algum outro esporte, mas o principal era o tênis. Foi um evento muito bom. Não era comum naquela época, nas entidades, promover esse convívio familiar."
Keyler Carvalho Rocha

JANTAR TOTVS

"Desde o ano passado tomamos a decisão de intensificar as ações que fazíamos no Socioesportivo e vir de uma forma mais institucional com a Totvs Consulting, que é o braço de consultoria de gestão da Totvs. Ter um fórum superespecializado e qualificado como o IBEF nos ajuda muito a fazer a exposição da marca para uma plateia de executivos financeiros que atuam em empresas de primeira linha."
Denis Del Bianco (Totvs)

"São 30 anos de evento. E ninguém consegue chegar nessa marca sem fazer uma coisa bacana, que agregue valor para os associados. Acho que essa é a fórmula de sucesso do Socioesportivo: a cada ano, um é melhor que o outro, assim como foi esta 30ª edição!"
André Luis Rodrigues, CFO da JHSF Participações

JANTAR PWC

Marco Castro (PwC)

"A PwC está junto ao IBEF SP desde sua origem e no Socioesportivo também. Sempre tentamos fazer algo diferente. Neste ano, focamos em atividades que pudessem ser feitas por todos, mas especificamente pelos jovens. Também fizemos uma ação no Instagram, pedimos que as pessoas postassem suas fotos utilizando uma hashtag criada pela PwC para o Socioesportivo. Os participantes que postaram as fotos e receberam o maior número de "likes" receberam prêmios."

Marco Castro (PwC)

"Este é um evento muito especial. É um evento em que você reúne não só executivos financeiros, e sim amigos com as suas respectivas famílias."
André de Araújo Souza, sócio de Business Tax Services da EY

SHOW – BANDA COMITATUS (PATROCÍNIO NETPOINTS)

A Comitatus destaca-se como uma das principais bandas covers dos Beatles no país. O grupo colocou todos para dançar com os maiores sucessos dos garotos de Liverpool e também de outros expoentes do rock clássico, como Rolling Stones e Queen.

Elinton Bobrik (Netpoints)

SHOW – ROUPA NOVA (PATROCÍNIO SODEXO)

Formada no início da década de 1980, no Rio de Janeiro, a banda Roupa Nova mantém sua trajetória de sucesso, encantando diferentes gerações. No show feito para o Socioesportivo, não foi diferente. Adultos e crianças divertiram-se muito ao som das clássicas "Whisky a go go", "Dona", "A viagem", "Anjo", entre muitas outras.

Nos bastidores após o show, o grupo revelou com exclusividade para a IBEF News o nome do próximo DVD da banda, *Juntos*, que contará com a participação de 14 artistas convidados, entre eles Ney Matogrosso, Fagner, Humberto Gessinger, Toni Garrido, Daniel e Claudia Leitte.

Eles contaram também o que mantém o grupo unido por mais de três décadas: "É a vontade real de trabalhar em grupo, ter um pouco menos de orgulho e muito mais humildade. E se sentir confortável: cada um tem o direito de se expressar e colocar suas criações. A ideia da banda tem que ser maior do que cada um de nós", destacou Nando, o baixista do grupo.

Mauro de Marchi (Sodexo) e José Cláudio Securato (Saint Paul Escola de Negócios)

TERÇA INSANA (PATROCÍNIO ESTADÃO)

Com a proposta de satirizar cenas do cotidiano, o divertido espetáculo conduzido pelos atores do Terça Insana. O projeto teatral tem a proposta de formar e tornar atores em autores de seus próprios textos e personagens, criando uma comédia contemporânea que retrate as transformações que acontecem no país. "Cerca de 230 atores já passaram pelos palcos da *Terça insana*, nesses 12 anos de projeto", comemorou Grace Gianoukas, atriz que capitaneia o projeto.

*Ruy Mendonça (*Estadão*) e Regina Valladares (*Estadão*)*

Grupo Terça Insana

*Da esq. p/ a dir.: Silvia Securato (Oficina Editora); Ruy Mendonça (*Estadão*); Regina Valladares (*Estadão*)*

"Parabenizo o IBEF SP pelos 30 anos do Socioesportivo. É uma grande honra para nós participar deste evento e continuar essa parceria, que soma mais de duas décadas."

Ruy Mendonça (*Estadão*)

COQUETEL DE PREMIAÇÃO NETPOINTS

Homenagem aos vencedores dos torneios esportivos.

Coquetel de Premiação – Tênis

Coquetel de Premiação – Vôlei

Coquetel de Premiação – Biribol

Coquetel de Premiação – Copa Totvs Feminino

Coquetel de Premiação – Copa Totvs Masculino

Elinton Bobrik (Netpoints) e Sabine Griebel (Natura)

"Sou CFO e participo do IBEF SP há dez anos. O diferencial do instituto é que, ao mesmo tempo em que realiza eventos com uma programação leve, tranquila, você pode ser intenso nos relacionamentos e ficar à vontade para conversar com as pessoas sobre qualquer tipo de assunto. Esse foi o primeiro ano de patrocínio da Netpoints."

André Fernandes (Netpoints)

"É um momento muito especial para nós, pois somos uma companhia jovem e estamos participando de um evento que já tem 30 anos e é consagrado nacionalmente. A oportunidade para a Netpoints de estar presente e poder apresentar seu produto não poderia ser melhor."

Elinton Bobrik (Netpoints)

ENCERRAMENTO – HOMENAGEM À DIRETORIA EXECUTIVA

José Claudio Securato, presidente da Diretoria Executiva do IBEF SP, fez uma homenagem aos membros da Diretoria Executiva do instituto. Convidou todos os vice-presidentes que estavam presentes no Socioesportivo para subir ao palco. "Não são poucos os esforços para conseguirmos fazer não apenas o Socioesportivo, como também todo o trabalho desenvolvido pelo IBEF SP. Estes são os vice-presidentes do instituto, pessoas que trabalharam duro para fazer este evento acontecer."

O presidente agradeceu também o apoio de todos os patrocinadores do Socioesportivo. "Eles são muito mais que patrocinadores: são nossos amigos e parceiros. Grande parte está junto ao IBEF há muitos anos. Muito obrigado a todos por mais um ano de parceria", completou Securato.

João Eça Pinheiro, diretor do Tivoli Ecoresort, subiu ao palco um grande bolo de aniversário em homenagem aos 30 anos do Socioesportivo. "Esta surpresa foi preparada com muito carinho pela nossa equipe de cozinha. Em meu nome e em nome do Tivoli Hotéis e Resorts, muito obrigado pela vossa presença. Será sempre um prazer recebê-los."

VENCEDORES DA CAMPANHA MEMBERSHIP 2014

Da esq. p/ a dir.: Sergio Diniz (Damovo); Rogério Menezes (AzkoNobel PPC); Alexandre Mafra (Totvs)

HOMENAGEM AOS ASSOCIADOS QUE CONSTRUÍRAM A HISTÓRIA DO SOCIOESPORTIVO

Diretoria Executiva do IBEF SP

"São pessoas que criaram e desenvolveram o Socioesportivo, tornando possível que ele crescesse e se transformasse no que é hoje."
José Claudio Securato, presidente da Dietoria Executiva do IBEF SP

O Socioesportivo completou 30 anos, coroando uma história de sucesso. Para construir essa trajetória de crescimento, foram empreendidos esforços e dedicação de muitos profissionais. Como não poderia deixar de ser, esses líderes foram lembrados com um momento especial.

"Tomamos a liberdade de chamar algumas pessoas que estão aqui presentes para fazer uma homenagem. São pessoas que criaram e desenvolveram o evento, tornando possível que ele crescesse e se transformasse no que é hoje", afirmou José Claudio Securato, chamando em seguida, para o palco, ex-presidentes, dirigentes e associados do IBEF SP. Gente que criou e mantém viva a história do Socioesportivo.

PATROCINADORES 2014

PATROCÍNIO DIAMANTE: OMINT, pwc, TOTVS

PATROCÍNIO OURO: Serasa Experian (A gente trabalha para você crescer.), TAM

PATROCÍNIO PRATA: Brasil Kirin, Michael Page, netpoints, sodexo (Serviços de Qualidade de Vida)

PATROCÍNIO BRONZE: AES Brasil (AES Eletropaulo, AES Sul, AES Tietê, AES Uruguaiana), Estadão, Tivoli Hotels & Resorts

APOIO: Alpargatas, EDF (Design Gráfico/Web Design), MacFlake

APOIO EMPRESARIAL: BrD (Brasil Distribuição), EY (Building a better working world), IBM, Santander

CERVEJA OFICIAL DO EVENTO: **DEVASSA**

Por Redação, Bianca Souza / Fotos: Jacinto Alvarez

Patrocínio: EY Building a better working world / pwc

Sociedade da informação exige gestão de talentos

Na sociedade da informação as transmissões de dados são de baixo custo e as tecnologias de armazenamento são amplamente utilizadas na gestão do fluxo de comunicação. Assim, as atividades produtivas estão cada vez mais atreladas à informação precisa e veloz.

Ugo Barbieri (Horton International)

A fim de esclarecer a necessidade da preparação do capital humano nesse novo cenário, a Comissão de RH do IBEF SP realizou, no dia 27 de maio, na sede do instituto, o café da manhã "O talento humano na sociedade da informação". O evento contou com a participação de Ugo Barbieri, coordenador da comissão e sócio da Horton International.

Atualmente, as áreas de conhecimento estão subdividas em outras ainda menores e, conforme Barbieri, o desafio das empresas é reunir e organizar indivíduos de distintos talentos. "Não adianta eu ter uma equipe de ótimos estrategistas, se não há aqueles que têm por característica pessoal fazer, isto é, colocar em prática". A busca, a valorização e a retenção do talento humano devem ser paradigmas de uma organização, visto que é o capital humano bem estruturado que permite seu crescimento. ❖

Recuperação da empresa em crise

O que leva uma empresa à crise? Pensar a companhia como um organismo e identificar os sintomas da patologia facilita a busca por essa resposta. "O colapso financeiro pode ser uma consequência de equívocos anteriores, como problemas de liderança, perda de clientes e vendas e desalinhamento com a estratégia", explica Paulo Almeida, CFO da Neovia Solutions. Ele comandou a palestra Turnaround: Resgatando a Empresa da Crise, em café da manhã no dia 30 de maio, promovido pela comissão de Finanças Corporativas.

Público

O CFO explicou que o primeiro passo rumo à recuperação é admitir a crise e investir em um programa de reestruturação aliado à comunicação interna, pois a mudança de posicionamento deve atingir todos os níveis. Uma liderança experiente em desafios fará a diferença para traçar a estratégia e atacar as causas. A disciplina no momento dos cortes é absolutamente necessária. "Se for preciso vender o carro do diretor, que venda. As empresas vitoriosas têm disciplina e o financeiro forte", destacou. ❖

Da esq. p/ a dir.: Roberto Goldstajn (IBEF SP); Paulo Almeida (Neovia Solutions); Cristiano Andrade (Banco Fibra)

Mudanças na tributação dos lucros no exterior

A Lei 12.973, que extingue o Regime Tributário de Transição (RTT), tem feito o mercado se agitar para adequar-se às novas regras. A TBU (Tributação em Bases Universais) acarretará alterações significativas no controle das atividades realizadas no exterior. Para esclarecer as mudanças, a Comissão de Tributos realizou um café da manhã sobre o tema, no dia 10 de junho, com Artur Braga, sócio de Tributação Internacional da EY.

Público

"A Lei exige o desmembramento dos lucros das controladas, o que demandará aumento no monitoramento das estruturas tributárias no exterior e ampliação do controle de crédito e prejuízos", afirmou o sócio da EY. A pessoa jurídica tem a opção de aderir ao novo regime em 2014 ou 2015, isso porque para cumprir as novas exigências, a empresa terá de atualizar softwares e capacitar seu pessoal. "O Brasil está indo na contramão do mundo, pois a tendência global é isentar os lucros no exterior", criticou Braga. ❖

Da esq. p/ a dir.: Alexandre Pacheco (Pacheco Advogados); Artur Braga (EY); Roberto Goldstajn (IBEF SP)

Poupança das empresas em queda

Carlos Antonio Rocca, diretor do Centro de Estudos do Ibmec (Cemec), comentou as tendências recentes de poupança, investimentos e gestão financeira das empresas brasileiras em um café da manhã no dia 25 de junho, na sede do IBEF SP. Rocca afirmou que, nos últimos três anos, houve uma queda dramática no lucro e desempenho das companhias abertas (principalmente as não financeiras), resultando em menos recursos próprios para investir e forte aumento do endividamento. Entre 2010 e 2013, a alavancagem cresceu 30%.

Um das projeções estima que, em 2015, apenas 44% das empresas terão taxa de retorno sobre o ativo total (ROA) maior que o custo financeiro da dívida. O cenário recente também foi marcado pelo aumento da exposição a câmbio e juros – dois componentes de choque para riscos de mercado. Nas companhias abertas, cerca de 60% do exigível financeiro está vulnerável a uma variação de curto prazo. Nas privadas, essa exposição é inferior a 50%. Considerando o cenário de risco, Rocca, que também é sócio-diretor da CFO Consulting, recomenda cuidado com a exposição a juros, câmbio e acompanhamento do risco de crédito. O risco da elevação do custo de capital próprio torna as emissões de ações menos interessantes. ❖

Da esq. p/ a dir.: Saverino Cricenti; Antonio Sergio de Almeida (AEM Consult); Luciano Lima (Cromex); Carlos Rocca (Cemec); Keyler Carvalho Rocha (FEA / USP); Luiz Roberto Calado (Brain Brasil); Ricardo Miglino (Cardios)

Por Redação / Fotos: Jacinto Alvarez

Patrocínio: Carrefour

Da esq. p/ a dir.: Keyler Carvalho Rocha (FEA / USP); Bernardo Szpigel (BSZ); Enéas Pestana (Ex-GPA); Stephane Engelhard (Carrefour); José Roberto Lettiere (Alpargatas); José Cláudio Securato (Saint Paul Escola de Negócios); José Carlos Magalhães (Tarpon Investimentos); Fernando Iunes (Itaú BBA)

Seminário de Mercado de Capitais

Evento mostra os pontos de vista do emissor, do investidor e do banco de investimentos sobre o momento do mercado

Realizado anualmente pelo IBEF SP, o seminário de Mercado de Capitais contribui para o debate sobre uma das maiores fontes de financiamento para as empresas. O tema da edição deste ano foi "Desafios e oportunidades para executivos financeiros e investidores no momento atual do país". O evento aconteceu no dia 28 de maio, na sede do instituto.

"Vamos falar hoje sobre o mercado de ações e private equity e como eles estão em relação ao seu potencial. Também daremos foco à atuação do CFO/RI, já que muitos CFOs também acumulam a função de relações com os investidores", afirmou Bernardo Szpiegel, vice-presidente do IBEF SP, ao apresentar o programa do evento.

Um grupo de competência reconhecida representou três visões distintas durante o evento: a do emissor, do investidor e do banco de investimentos. Esse time foi composto por Fernando Iunes, sócio do Banco Itaú BBA e atualmente head do Investment Banking Department; José Carlos Reis de Magalhães, fundador e CEO da Tarpon Investimentos; e José Roberto Lettiere, CFO e diretor de relações com investidores da Alpargatas. Enéas Pestana, ex-CEO do Grupo Pão de Açúcar, moderou o debate com os painelistas, na segunda parte do seminário.

A visão do banco de investimentos

Fernando Iunes, sócio do Banco Itaú BBA, destacou dois dados importantes: o primeiro é a evolução do valor das companhias listadas no Brasil, que entre 2003 e 2014, saltou de R$ 500 bilhões para R$ 2,2 trilhões, apesar do cenário de crise internacional. O segundo dado é que houve também um desenvolvimento claro da liquidez. Segundo Iunes, a liquidez da Bovespa subiu de algo em torno de R$ 800 milhões para uma cifra entre R$ 7 e R$ 8 bilhões. No entanto, o número de companhias listadas ainda é muito pequeno para o tamanho do país.

Da esq. p/ a dir.: José Roberto Lettiere (Alpargatas); Enéas Pestana (Ex-GPA); José Carlos Magalhães (Tarpon Investimentos); Fernando Iunes (Itaú BBA)

"Na Índia, estamos falando de 5 mil companhias listadas e um PIB de US$ 1.800 trilhão. Nos Estados Unidos, são 2.300 companhias listadas. Na Coréia do Sul, 1.800 companhias listadas. Na China, 1.800, e em Hong Kong, mil. No Brasil são apenas 370! O que impressiona aqui não é que o mercado não está se desenvolvendo, é que não existem companhias listadas o suficiente", observou.

Iunes afirmou que existem quatro participantes que têm grande responsabilidade para o desenvolvimento do mercado de capitais brasileiro: o regulador, os investidores, os intermediários e as empresas. Em relação ao papel destas últimas, o sócio do Itaú BBA fez a seguinte indagação:

"Será que as companhias olham o mercado de capitais de forma consistente? Ou será que elas o veem como uma forma de valorizar o patrimônio pronto? Vocês têm transparência na divulgação de informações? Vocês se relacionam com o mercado? A impressão que eu tenho, estando há uns 20 anos nesse mercado, é que existem, sim, boas companhias. E elas sempre serão valorizadas e sempre haverá investidores querendo comprá-las. Mas nós precisamos fazer a nossa parte. É isso que eu coloco em debate", ressaltou o painelista.

A visão do emissor

Aproveitando o gancho, José Roberto Lettiere, CFO e diretor de Relações com Investidores da Alpargatas, falou sobre a atuação da área de RI dentro das organizações. A Alpargatas está em atividade há mais de cem anos e é uma das companhias mais antigas no mercado de capitais. "A área de RI tem que se reposicionar e repensar a forma como atua. Vivemos um ambiente superdesafiador e há exigência de muito mais trabalho", afirmou o executivo.

Entre as ações fundamentais para a área de RI está o mapeamento e a classificação dos investidores. "Hoje, 51% dos investimentos na nossa bolsa vêm de fora. Então, a primeira mensagem: onde estão (geograficamente) seus investidores em potencial?" Além de mapear, é preciso conhecer bem o perfil dos diferentes tipos de investidores. "Cada investidor possui características diferentes: seu objetivo, tempo de maturação, tempo de retorno... Com quem estou falando? Qual é o fio estratégico que liga você àquele investidor?", reforçou o CFO.

Outro ponto importante está na estratégia de comunicação com os investidores e a avaliação da constante da mesma. "Você tem que pedir feedback constante. Como é que está a atuação no RI? Jornalistas poderiam comentar os seus releases? Atualizar-se constantemente, a partir do feedback, levará você a inovar. Geralmente as inovações vêm de conversas com investidores." Segundo o CFO, os executivos de RI também devem entender sobre contabilidade e fazer planejamentos estratégicos considerando um horizonte amplo. "O que vai acontecer com o seu negócio em 2020? Uma estratégia vencedora é aquela que vai além do dia a dia e além do ano", completou.

Público

"Nossa parceria com o IBEF SP possui um histórico muito significativo. O seminário atingiu seus objetivos, discutindo questões importantes para o desenvolvimento do mercado de capitais no país"

Stéphane Engelhard, VP Executivo de Assuntos Corporativos do Carrefour Brasil

O objetivo de todas essas ações é ter uma comunicação efetiva com os investidores. "Os mercados estão mais maduros e sofisticados. Os analistas serão bem mais exigentes: 'Me mostra o seu Excel, mostra como você chegou a esses resultados'. Você tem que estar preparado na hora de comunicar. Óbvio que seu negócio tem que ser sólido, porque não dá para vender uma coisa que não existe. Deve-se passar a realidade, para que todos tenham a ideia de uma mesma coisa."

A visão do investidor

José Carlos Magalhães, presidente da Tarpon Investimentos – gestora que administra recursos da ordem de R$ 8,2 bilhões – discorreu sobre a existência de três tipos de investidores: o acionista "que fica no banco de trás do carro e deixa o motorista dirigir"; o acionista que é mais presente e ativo, "que não está dirigindo o carro, mas está ali como copiloto"; e, por último, o acionista "que é piloto também, ou seja, quer estar efetivamente envolvido com o negócio". Segundo Magalhães, a Tarpon procura combinar os três tipos. "Dos dez negócios que temos, em cinco somos gestores empresariais, ou seja, estamos no assento do piloto; em dois estamos como copiloto; e, em três, no banco do passageiro."

O executivo ressaltou que, do ponto de vista do investidor, de forma geral, o CFO e o RI conseguem e têm os acionistas que merecem "para o bem ou para o mal". Ou seja: se a empresa tiver interesse em mostrar a verdade para o mercado e realmente dividir informações importantes para que os acionistas possam entender sua cultura, ela atrairá o "investidor consciente" (aquele que não entra no negócio à toa), e afastará o "investidor turista", que eventualmente ganha ou perde dinheiro – e não sabe por que perdeu. "Existe público para todo mundo; atrair ou não o bom investidor é responsabilidade da empresa. Se há uma boa comunicação, a relação entre companhia e investidor se fortalece e, mesmo em tempos de crise, é possível manter os investimentos", arrematou.

Debate

Entre as questões levantadas durante o debate, Enéas Pestana perguntou a Fernando Iunes, do Banco Itaú BBA, qual seria a mensagem dele para as empresas que pretendem entrar no mercado de capitais. Iunes respondeu que as companhias precisam fazer, primeiramente, uma reflexão interna: estar no mercado de capitais faz parte da cultura corporativa? Isso também está inserido na cultura dos acionistas e dos executivos? "Uma vez tomada essa decisão, todo o resto é mais fácil. Os preparativos são necessários: transparência nas informações, ter uma cultura associativa e realmente acreditar nessa decisão internamente, não entrar no mercado apenas para maximizar os lucros em curto prazo. O acionista que você quer trazer terá que ser bem tratado", destacou.

Aproveitando a analogia feita por José Carlos Magalhães, CEO da Tarpon, Pestana questionou se o caminho de investimento no qual o investidor também é piloto (muitas vezes participando do controle da empresa), seria uma tendência. Magalhães respondeu que é uma tendência sim, ainda que um pouco incipiente no momento. "No Brasil e no mundo, há um processo de conscientização dos investidores – e dos investidores desses investidores. Há grupos capacitados para liderar essa proposta, de ter um propósito e um comprometimento real com a empresa, de querer impactar a realidade, e não apenas vê-la como um investimento de curto prazo."

Para José Roberto Lettiere, CFO e DRI da Alpargatas, Pestana pediu que comentasse três ações fundamentais que o líder de finanças deveria fazer para lidar com a complexidade do mercado de capitais. Segundo Lettiere, não existe negócio que venha a crescer se não forem feitos os investimentos necessários. "Tem que fazer investimentos: bem analisados, com medição de riscos e planos para a rentabilidade do negócio, mas tem que ter a cabeça aberta para investir. E tem que ter inovação também. Eu gosto muito do CFO que entende o valor econômico do negócio, enxerga o seu potencial. Isso é muito diferente de apenas ver o valor total de uma transação", concluiu Lettiere. ❖

Por Redação / Fotos: Jacinto Alvarez

Geral

Expectativas fora do campo de futebol

CFOs discutem tendências para os negócios no segundo semestre

Os membros da Diretoria Vogal reuniram-se novamente em 23 de maio, em almoço no Hotel Unique. Então, a poucos dias da realização da Copa do Mundo no país, os executivos comentaram suas expectativas sobre qual seria o legado do Mundial e o comportamento dos agentes econômicos na segunda metade do ano. Para boa parte dos líderes de finanças, a perda de volume de vendas no bimestre junho-julho era esperada.

Mesmo com a expectativa de desaceleração durante a Copa, Hugo Bethlem, CEO da rede Quase Pronti Restaurantes do Brasil, destacou que a projeção de associações ligadas ao varejo aponta crescimento real acima de 6% para o varejo nos primeiros meses do segundo semestre. Reforçam esse quadro positivo a estabilização dos indicadores de inadimplência pessoa física e de endividamento das famílias. Segundo dados da Serasa, a inadimplência do consumidor apresentou queda de 3,5% em julho deste ano, em comparação ao mês anterior, e foi 5% menor em relação ao mesmo período do ano passado.

Já o índice de confiança do consumidor subiu 3% em julho, após avanço de 1% em junho e recuo de 3,3% em maio (no comparativo com o mês anterior), segundo a Fundação Getulio Vargas. Apesar desse movimento de alta nos últimos dois meses (em que não se descarta a influência do "efeito Copa do Mundo" nas capitais pesquisadas), o indicador segue em baixo patamar histórico, apresentando queda de 2,6% em relação a julho de 2013.

Rafael Teixeira, CFO do Banco Volkswagen, em sua primeira participação no encontro, demonstrou preocupação com o aumento da inadimplência de pessoa jurídica, especialmente entre empresas que dependem de contratos com entes governamentais. Outro sinal amarelo tem aparecido na realização de roadshows, nos quais percebe-se diminuição da demanda e escassez de investidores.

Da esq. p/ a dir.: Marcelo de Lucca (Michael Page); Daniel Levy (TAM); José Cláudio Securato (Saint Paul Escola de Negócios); Marco Castro (PwC); Keyler Carvalho Rocha (FEA / USP); Patricio Espinosa (IBM)

Da esq. p/ a dir.: Keyler Carvalho Rocha (FEA / USP); Marcos Binder (Sodexo); Vitor Fabiano (GRSA); José Cláudio Securato (Saint Paul Escola de Negócios)

"O Brasil é uma grande máquina que luta para subir a ladeira em marcha reduzida"

José Luiz Ribeiro de Carvalho (KPMG)

Pressões

Vitor José Fabiano, diretor financeiro da GRSA, e Marcos Binder, diretor financeiro da Sodexo Benefícios e Incentivos, convergiram na análise de que as pressões inflacionárias e as campanhas por altos reajustes salariais trarão um cenário desafiador para os negócios no segundo semestre e também para 2015. "Esperamos continuar crescendo em dois dígitos, mas a rentabilidade deverá ser menor", completou Binder, da Sodexo.

Dani Ajbeszyc, CFO da Cyrela Commercial Properties, destacou que no segmento de shoppings há percepção de que a inflação está batendo no bolso do consumidor. "Diminui a renda disponível para consumo de itens mais triviais." Já o segmento de escritórios corporativos tem refletido bem o sentimento de incerteza dos empresários em relação aos rumos da economia: "Notamos que as empresas estão segurando ao máximo a decisão", completou o CFO.

Mais otimismo

Sergio Diniz, que atua no setor de infraestrutura de dados e voz, avalia que a situação está "meio a meio". "Há uma demanda forte por parte dos governos, mas ao mesmo tempo as empresas estão atrasando projetos. Diniz destacou que existe a necessidade por parte das organizações de fazer investimentos em tecnologia, por isso a partir do terceiro e do quarto trimestre as decisões deverão acontecer. "As empresas não estão cancelando investimentos, o que está acontecendo é um deslocamento; estão postergando. Por isso, temos uma perspectiva positiva para o segundo semestre, mas com impactos", completou.

Patricio Espinosa, executivo da IBM, comentou que o Brasil continua como a estrela nos resultados positivos da companhia. Segundo Espinosa, a tecnologia vive um momento de inflexão e as empresas precisarão se transformar para capturar essas novas ondas.

George Cavalcante, diretor de finanças corporativas da ITW, afirmou que a companhia, hoje com sete projetos simultâneos, conseguiu aumentar a receita em 17% no primeiro trimestre e quase dobrou a rentabilidade. O segredo? Foco em nichos que estão crescendo. "Temos boas perspectivas para o segundo semestre", afirmou Cavalcante.

Colocando pontos positivos e negativos na balança, José Luiz Ribeiro de Carvalho, sócio da KPMG, afirmou que o país é uma "grande máquina que luta para subir a ladeira em marcha reduzida". Mesmo com os desafios da crise de confiança dos empresários em relação ao Governo, a perspectiva da organização para o desempenho da economia no segundo semestre manteve-se entre estável e positiva. ❖

Por Redação / Fotos: Daniela Moussa

Um encontro da memória do IBEF SP

A iniciativa IBEF Master convida os associados das primeiras gerações do IBEF a se reunirem em eventos periódicos

No dia 16 de junho, aconteceu um jantar informal de reencontro entre os associados mais antigos do IBEF SP, na tradicional Pizzaria Camelo, em São Paulo. A confraternização teve o objetivo de reaproximar os associados mais antigos do IBEF SP e lançar o convite para que passem a se reunir com alguma frequência. Além de fortalecer os laços de amizade, os encontros tratarão de assuntos interessantes para os ibefianos que já cumpriram o ciclo de vida executiva, como investimentos, viagens, gastronomia, entre outros.

Presidente do IBEF SP entre 1990 e 1994, Waldir Luiz Corrêa foi responsável por liderar os esforços para a organização do grupo. Ele destacou que faltava um espaço dentro do instituto voltado exclusivamente para os associados seniores, a exemplo da criação do IBEF Jovem e do IBEF Mulher. "Nós temos 150 pessoas engajadas no projeto. Essa é uma oportunidade para a gente matar a saudade, fazer um networking atualizado e trocar ideias", afirmou em discurso simbólico, ao lado de outros ex-presidentes do instituto. Por meio de cada depoimento, reconstruiu-se aos poucos a história das primeiras gerações do IBEF SP.

Getúlio Reis Arrigo, presidente do instituto entre 1988 e 1990, falou sobre os desafios dos primeiros anos: "A sede do IBEF era uma salinha de 5 por 6 metros. Quando ia muita gente, o pessoal tinha que ficar no corredor do prédio. O Renato Frascino foi um grande lutador que nos entusiasmou muito." Arrigo não disfarçou a alegria ao lembrar que foi o primeiro Equilibrista eleito pelo instituto, em 1984. "Depois fui presidente do IBEF Nacional, no Rio de Janeiro, e também presidi o IBEF em São Paulo. É com grande orgulho que participei por tantos anos."

Da esq. p/ a dir.: Carlos Alberto Bifulco; Getúlio Arrigo; Walter Machado de Barrros; Eloy Gonçalves Oliveira; Waldir Corrêa; Keyler Carvalho Rocha; Renato Frascino

Construindo um IBEF mais forte

Renato Frascino, que liderou o instituto entre os anos de 1983 e 1988, destacou a vontade de transformar o IBEF em algo maior. "Eu e o Waldir Corrêa tínhamos 32 anos quando entramos no IBEF. Chegamos com muitas ideias e o pessoal falou: 'Esses dois meninos são doidos, gente'. [*Risos*.] Em um ano, assumi a presidência e o Waldir era o vice-presidente." Sob a gestão desses líderes, foram criados alguns dos eventos mais importantes do IBEF SP, como o Prêmio Equilibrista e o Encontro Socioesportivo.

O IBEF SP se fortaleceu ao reunir grupos, antes dispersos, para compartilhar conhecimentos que iriam muito além do simples aspecto técnico do executivo financeiro. "Existia um grupinho em Santo Amaro, outro em São Bernardo... E juntamos esses grupos para tentar levar a verdadeira sabedoria, que estava dentro da nossa alma. Considero o IBEF como se fosse o meu filho mais velho", completou Frascino.

Walter Machado de Barros presidiu o IBEF SP entre 2003 e 2007. Entre as inovações realizadas por essa gestão está a criação do Conselho de Administração do instituto – passo importante para a evolução da governança do IBEF. Barros foi presidente do board entre 2007 e 2011 e é atualmente, conselheiro do instituto. "Muitos aqui participaram da nossa Diretoria. Na nossa gestão, criamos o IBEF Jovem e o IBEF Mulher, mas faltava, como bem disse o Waldir, um núcleo para os associados seniores. Eu acredito que essa iniciativa vai ser um sucesso e que a atual Diretoria contemplará a nós, os ibefianos mais antigos, com esse espaço dentro da nossa entidade."

"Esta reunião é muito importante porque estão retornando muitos antigos associados do IBEF. Iniciativas nesse sentido estarão por vir e não só com arealização de jantares, mas outros eventos para que a velha guarda participe intensamente", destacou Keyler Carvalho Rocha, atual vice-presidente do Conselho de Administração do instituto. Rocha também presidiu o Conselho de Administração, entre 2011 e 2013.

A importância das mulheres

O relacionamento entre executivos não foi o único alicerce para o crescimento do IBEF SP. A participação das esposas também foi decisiva para estimular os encontros entre os associados. Carlos Alberto Bifulco, presidente do instituto entre 2000 e 2002, lembra bem dessa história. "Houve um momento em que o IBEF SP estava um pouco fraco e alguém teve a ideia de aproximar as mulheres dos associados. E, graças a Deus, elas estão aqui até hoje. A vinda das mulheres foi muito boa e elas têm que continuar conosco. No IBEF, nós representamos um sentimento, que é o sentimento de amizade, de estar juntos." Em seguida, Bifulco pediu uma salva de palmas para as mulheres.

Anaqueila, esposa de Walter Machado de Barros, ressaltou que a história do instituto não pode ser esquecida, pois as futuras gerações precisam conhecê-la. "É importante que os associados mais antigos apareçam e organizem eventos, e que isso tenha repercussão também entre os mais jovens, pois eles têm que saber como tudo começou."

A esposa de José Natal, Cecília, estava sentindo falta de encontrar os amigos nos eventos do IBEF. "Hoje vemos muitos jovens, mas é difícil rever as pessoas que conhecemos no decorrer de todos esses anos. Eu acho que o Waldir teve uma iniciativa fantástica."

Silvia Securato destacou que o encontro foi surpreendente. "Deveria acontecer sempre, para não perdermos o vínculo e a amizade. Esta primeira turma foi a base para a construção do IBEF", ressaltou a companheira de José Roberto Securato.

Terezinha, a eleita de Keyler Carvalho Rocha, disse que o instituto conseguiu criar uma amizade entre os associados capaz de atravessar décadas. "Mesmo que a gente não se encontre no IBEF, a gente se encontra fora dele. Eu acredito que a memória deve ser conservada, precisamos manter essa luz acesa no instituto." Helena, esposa de Wellington Piccino, concordou com a amiga: "Nossa amizade começou no IBEF, mas cresceu para um âmbito muito maior." ❖

Memória viva

"Foi um prazer rever os amigos da geração antiga do IBEF. Eu entrei em 1976 e temos toda essa história de amor e carinho com o instituto. Nós o assumimos na fase em que se criou o IBEF Nacional, havia muitas divergências no Brasil e nós unificamos. Parabéns a todos que fazem parte da iniciativa IBEF Master."
Joaquim Elói Cirne de Toledo

"Nossa amizade de 30 anos é um patrimônio que não deve se perder."
José Natal

"Importante é não ficar cobrando ninguém: vem quem pode. É assim que esses eventos se tornam agradáveis, com espontaneidade. Encontrei pessoas que eu não via há anos e isso foi extraordinário."
José Roberto Securato

"Muito bom congregar este pessoal das antigas para a gente se lembrar daqueles fatos memoráveis que aconteceram no IBEF. Esta iniciativa é louvável e eu espero que tenhamos outras reuniões como esta para resgatarmos a história do instituto."
Wellington Piccino

Por Débora Soares / Fotos: Divulgação

A Copa do Mundo foi um bom negócio para o Brasil?

Executivos e economistas fazem um balanço do Mundial, avaliando qual foi o saldo entre as expectativas e a realidade

Muitas expectativas se formaram com a realização da Copa do Mundo da Fifa no Brasil. A injeção de dezenas de bilhões na economia, as melhorias na infraestrutura das cidades-sedes, a geração de milhares de empregos e o aquecimento de setores diversos, beneficiados por um consumidor interno mais animado e a vinda massiva de turistas estrangeiros, ansiosos por conhecer o país. Mas se a campanha dentro do campo de futebol acabou decepcionando, será que o desempenho fora do campo também? Ouvimos economistas e líderes da área de finanças para saber qual a opinião deles sobre o legado que a Copa do Mundo deixou para a economia brasileira.

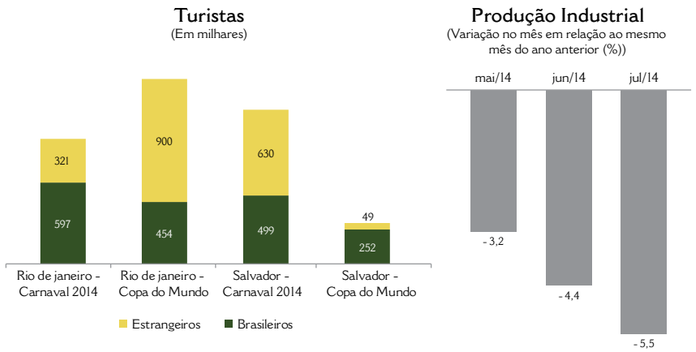
Expectativas vs. realidade

Marcos Troyjo, fundador e diretor do BRICLab na Universidade Columbia, em Nova York, analisa que, se de um lado houve ceticismo quanto à organização do torneio e o legado que ele traria em termos de infraestrutura e mobilidade urbana, por outro houve grande otimismo em relação ao desempenho da seleção brasileira. "Após a Copa, percebemos que o legado infraestrutural não é tão grande, mas ainda assim a alegria e a cordialidade do Brasil fizeram do Mundial um sucesso em termos da experiência de todos que compareceram aos jogos e tiveram oportunidade de conhecer o Brasil. A rede de estádios também é impressionante, embora muitos provavelmente terão capacidade ociosa." Em contraponto, o desempenho da seleção brasileira foi aquém do que se previa: "Todos esperávamos uma reedição ampliada do que acontecera um ano antes durante a Copa das Confederações".

Uma coisa é certa: se a Copa de 2014 talvez marque um divisor de águas para o nosso futebol, seguramente não o será para nossa economia. Para o economista, houve uma exacerbação da importância econômica da Copa. "Por um lado é verdade que comércio, turismo, entretenimento, bares, restaurantes, enfim, serviços tiveram um empurrão para frente com o Mundial. Por outro, a indústria, quando se conjugam pessimismo do empresariado, incerteza quanto aos rumos da economia pós-eleições de outubro e os muitos feriados da Copa, está tendo e continuará tendo até 2015 um período de pronunciada desaceleração. A produção industrial de junho, por exemplo, registrou queda de 6,9% tendo por referência o mesmo mês do ano anterior."

Na avaliação de Maria Cristina Barros, economista da MB Associados, a Copa do Mundo, com seus feriados, teve um efeito negativo importante sobre o PIB. Ela argumenta que mesmo que alguns setores tenham sido estimulados, esse impulso não foi suficiente para contrabalançar a redução nos demais nichos da economia.

EFEITOS DA COPA NA ECONOMIA



Fonte: Bloomberg e IBGE. Elaboração: MB Associados

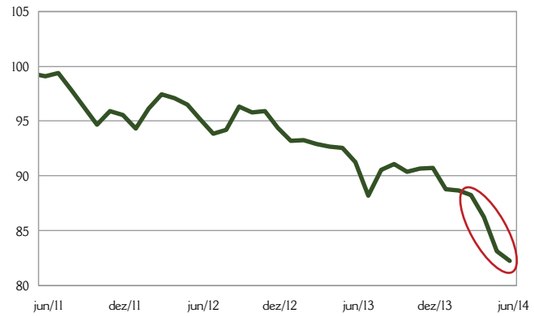
Maria Cristina Barros (MB Associados)

"Note que a produção industrial caiu frente o mesmo mês do ano passado e as perspectivas para junho e julho são ruins. No caso da mensuração de visitas de turistas, note que o Carnaval de 2014 trouxe mais estrangeiros até Salvador do que a Copa", ressaltou.

Cristina acrescenta que, sem dúvida, o cidadão brasileiro mostrou a sua face acolhedora durante o Mundial, o que ajudou a criar uma imagem positiva do país. No entanto, um ambiente de negócios mais promissor deriva de expectativas positivas para com o conjunto da economia do país, suas condições regulatórias e a sua infraestrutura. "A média dos índices de expectativas de diferentes segmentos indica cautela. O país está parado à espera das definições eleitorais."

A ECONOMIA ESTÁ PARADA

Indicadores de Confiança – Média de 5 sondagens (serviços, indústria, construção, consumidor, comércio)
Índice jan/2011=100



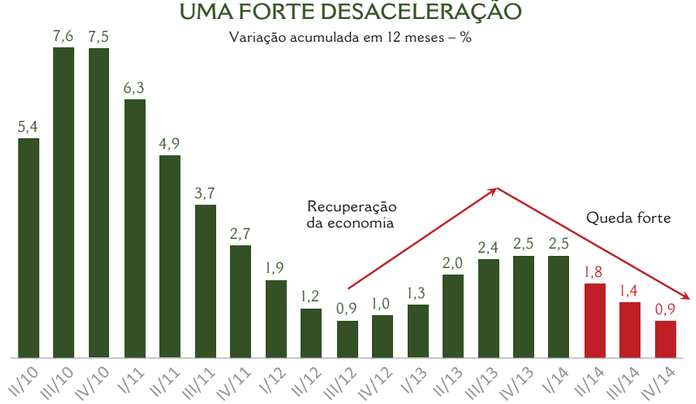
Fonte: FGV. Elaboração: MB Associados

Expectativas para o curto prazo

A economista da MB Associados afirma que a expectativa para o segundo semestre é de um aprofundamento da situação de baixo crescimento com inflação pressionada. "Passado o efeito Copa sobre o mercado de trabalho (construções, serviços), deverão ocorrer mais demissões dado que o consumidor está retraído, a situação fiscal não permite grandes feitos por parte do governo, os investimentos estão em compasso de espera e o comércio exterior está sentindo o impacto da situação da Argentina sobre a exportação de manufaturados. Todos os indutores do crescimento do PIB pelo lado da demanda estão fracos", avaliou. Cristina observa que a previsão do PIB para 2014 é da ordem de 1%. E, para 2015, a expectativa é de crescimento ainda baixo e inflação pressionada.

A ECONOMIA BRASILEIRA APRESENTA UMA FORTE DESACELERAÇÃO

Variação acumulada em 12 meses – %



Fonte: IBGE, Fenabrave. Elaboração e projeção MB Asssoacidos

Muito além da Copa

Marcos Troyjo complementa que os principais desafios do Brasil vão muito além da Copa. "Nossa percepção, do ponto de vista externo, está bastante relacionada ao ambiente de negócios, que continua muito cartorial, permeado por despachantes, atravessadores e hiper-regulações absolutamente desnecessárias à geração de prosperidade. O Brasil também precisa internacionalizar-se mais. Estar mais 'vertebrado' à economia global."

Para isso, o papel a ser desempenhado pelo Estado é central: o Governo é parte da solução e parte do problema. "A opção pelo mercado interno por parte do Brasil tem sido cantada em prosa e verso como a grande responsável pela maneira quase incólume com que o país passou pela crise deflagrada em setembro de 2008. Isso levou alguns a concluírem que é um erro a internacionalização da economia brasileira. Que não importa a pequena ênfase que o Brasil confere à conquista de mercados externos. Ora, nada mais errado. A China também atravessou a crise de cabeça erguida, e ostenta 60% de seu PIB relacionado ao comércio exterior." Troyjo relembra que as lições da história econômica das últimas décadas ensinam claramente que aqueles países que buscaram a internacionalização tiveram mais êxito do que os atrelados dogmaticamente a seu mercado interno. Caberia ao Brasil, portanto, aprender essa lição.

Para o próximo presidente, além das reformas trabalhista, previdenciária e tributária, haveria um "quarteto" de prioridades nesse sentido: a facilitação da legislação interna para abertura de empresas de vocação exportadora; a ênfase nos aspectos logísticos de projetos a serem contemplados pelas PPPs (Parcerias Público-Privadas); a formação de recursos humanos especializados, no âmbito do setor privado, para a promoção comercial no exterior e a atração de IEDs (investimentos estrangeiros diretos); e o fortalecimento da presença das micro e pequenas empresas mediante consórcios exportadores. "Eis os passos essenciais para o fortalecimento do status econômico do Brasil", completou o diretor do BRICLab.

Eleições

Não podemos deixar de mencionar que as expectativas em relação a quem será o próximo presidente do Brasil também são variável fundamental para o ambiente de negócios. Se ficar claro aos agentes que os desequilíbrios macroeconômicos, como o fiscal e a inflação, não serão equacionados, o cenário poderá se agravar. "Caso fique claro que a atual presidente será reeleita e que "dobrará a aposta" em sua política econômica, haverá uma deterioração adicional no ambiente. No caso de uma vitória da oposição, 2015 também deverá ser de baixo crescimento pelos ajustes necessários, embora as expectativas devam ficar melhores e induzir mais decisões de investimento", afirma Maria Cristina Barros.

Considerando todas essas variáveis, quais seriam os conselhos para os CFOs navegarem da melhor forma possível até 2015? A economista da MB Associados lista alguns pontos a serem avaliados: 1) Maior custo de capital no Brasil (gerenciamento de compras e estoques); 2) Menos crédito oficial dada a situação fiscal (serão menores os incentivos fiscais, os recursos para o BNDES e outras estruturas de crédito preferencial); 3) Necessidade de melhora produtividade (treinamento de mão de obra); e 4) Fortalecer a inteligência de mercado.

Marcos Troyjo acrescenta que os desafios são de dupla natureza. "Em primeiro plano, a gestão cotidiana, e todo o cuidado com um ano em que (se Deus quiser) ocorrerão ajustes e potencialmente o início de reformas. Ajustes em preços praticados por estatais, acomodação para baixo do preço dos ativos imobiliários e, eventualmente, um papel mais retraído do Governo na formação da demanda. Além disso, há todo o imperativo das reformas trabalhista e fiscal, e de facilitação dos negócios que têm de deslanchar, não importa quem seja eleito em outubro."

Já num nível mais amplo – e isso vale tanto para CFOs quanto CEOs – o diretor do BRICLab afirma que está se delineando um novo quadro mundial: a "reglobalização". "Esse panorama será marcado pelo fortalecimento e expan-

Aleir Silva

Marcos Troyjo (Columbia University)

são das redes globais de produção e pela continuada expansão econômica da China, não apenas em termos geográficos, mas também no que diz respeito a bens de alto valor agregado", explica. Segundo Troyjo, há também, infelizmente, uma espécie de "volta da geopolítica", que estaria acontecendo no âmbito da tensão Rússia-Ucrânia ou mesmo na disputa de fronteiras marítimas entre Japão e China. Isso afetará a todos globalmente. "Por fim, entendo que vamos continuar a ver a emergência de uma 'nova era do talento', em que o capital humano será valorizado em níveis sem precedentes", conclui. ❖

Bruno Hideo Omori

TURISMO

"A Copa foi uma vitrine para atrair investidores"

O estado de São Paulo recebeu 15 das 32 seleções de futebol que vieram ao Brasil. Para Bruno Hideo Omori, presidente da ABIH-SP (Associação Brasileira da Indústria de Hotéis) e coordenador da Câmara da Copa do Conselho Estadual de Turismo do Estado, isso ajudou a divulgação do turismo local. As cidades que receberam as seleções conseguiram em média exposição de 4 a 15 horas de televisão na mídia internacional. Os hotéis onde ficaram hospedadas as seleções para os jogos também se beneficiaram e registraram taxas de ocupação entre 65% a 85% durante a Copa. Em contraponto, os estabelecimentos que não fizeram um trabalho para a captação dos turistas ligados ao Mundial tiveram queda 30% a 60% da ocupação durante o período.

Segundo Omori, a Copa trouxe uma demanda que a cidade de São Paulo sempre pleiteou: o turismo de lazer, cultura e gastronomia. Ao mesmo tempo, não houve prejuízo ao turismo de negócios, já que os eventos corporativos e feiras não foram cancelados e sim transferidos para antes ou depois do Mundial. "Em média, acontecem 1.250 eventos por semana em São Paulo. Estimamos que esses eventos voltarão com força, e até o final do ano essa média deverá subir para 1.350." Com isso, espera-se para 2014 um crescimento de 4% a 7% na ocupação anual da cidade, sobre 66% de ocupação em 2013.

O legado da Copa também deverá impulsionar a realização de negócios. Durante a realização do Mundial, a ABIH-SP recebeu 24 companhias e representantes de patrocinadores ligados às seleções estrangeiras, empresas de diversos segmentos. Segundo Omori, essas companhias vieram com dois objetivos: 80% queriam introduzir suas marcas, produtos e serviços no mercado brasileiro. E os 20% restantes representavam fundos de investimento que estão procurando hotéis para comprar ou mesmo oportunidades para construir empreendimentos hoteleiros no Brasil. "Podemos dizer, então que a Copa funcionou como uma vitrine para atrair esses investidores e mostrar que existem boas oportunidades no país."

Leonardo Dib

VAREJO/E-COMMERCE

"Enorme oportunidade para fortalecer a marca"

Leonardo Dib, CFO da Netshoes, afirma que a Copa foi importante para fortalecer o posicionamento da companhia, captar novos clientes e fidelizar consumidores. Durante o período, o e-commerce de artigos esportivos buscou proporcionar novas experiências aos seus clientes, como o lançamento da Sport Machine, primeira vending machine de camisas da seleção brasileira.

"Por sermos um e-commerce, que trabalha 24 horas nos sete dias da semana, não sofremos com impactos como de feriados, congestionamentos e outros fatores considerados negativos para muitos varejistas físicos. Muito pelo contrário, durante esse período, tivemos um aumento muito significativo de acessos à loja, se compararmos com os meses que antecederam o evento. Ainda em junho, lançamos nosso novo App de e-commerce, que possibilita o acesso do consumidor, independente de horário ou lugar, e teve uma adesão muito forte", comemora.

Dib reforça que os ganhos em imagem, fidelidade e credibilidade durante o Mundial foram, sem dúvida, um legado extremamente positivo para a companhia. "Prezamos por um plano de longo prazo, não seria salutar pra a empresa apostar nos resultados de apenas um mês, por mais importante que ele seja. Isso nos dá segurança, pois são fundamentos sólidos que fazem com que nossa marca seja ainda mais forte hoje."

Vitor José Fabiano

ALIMENTAÇÃO/FOOD SERVICES

"Impacto de redução nas vendas"

Vitor José Fabiano, diretor financeiro da GRSA, destaca que o efeito da Copa não foi positivo para os negócios do setor de food services. "No segmento corporativo houve muitas paradas, dispensas no meio do período e feriados, o que afetou o volume de refeições servidas aos colaboradores de nossos clientes."

As lojas de aeroportos e rodoviárias enfrentaram o maior impacto, não apenas durante os jogos, mas também nas semanas que antecederam o período da Copa. "Houve muitas obras que interferiram no fluxo de pessoas nos nossos restaurantes. E, durante os jogos, os terminais de passageiros não viram o aumento de consumo esperado. Ainda precisamos apurar os números de julho, mas baseado em junho, tivemos um impacto de redução nas vendas de quase 10%", estima Fabiano.

Contudo, o diretor financeiro mostra-se otimista em relação ao legado da Copa. "Espero que o setor de eventos esportivos no Brasil ganhe um novo impulso com o sucesso do Mundial. Acredito que veremos estádios mais cheios, porque agora são mais atraentes, mais confortáveis e seguros. Nossa empresa possui uma divisão de eventos que atende estádios e premiações internacionais, por isso temos uma boa expectativa sobre o legado deixado pelos jogos no Brasil."

Linha de produção Ambev

BEBIDAS

"Resultado veio acima das nossas estimativas iniciais"

Marino Lima, gerente de Relação com Investidores da Ambev, afirma que a realização da Copa do Mundo no Brasil foi um momento único para a empresa. Além de fortalecer as marcas Budweiser e Brahma, as cervejas oficiais do Mundial, a organização também obteve crescimento expressivo das vendas de cerveja sem álcool e de refrigerantes. Esta última divisão obteve recorde de *market share* para o segundo semestre: 19,3%.

Ao total, foram vendidos 27,5 milhões de hectolitros de bebidas no país (sendo 20,2 milhões de hectolitros de cerveja e 7,2 milhões de hectolitros de refrigerantes), um aumento de 7,2% e 8,8%, respectivamente sobre o mesmo período do ano passado. "Se comparado com o segundo trimestre do ano anterior, houve um crescimento de 7,6%. O resultado veio até acima das nossas estimativas iniciais. Com muita organização e planejamento, conseguimos atingir nosso objetivo e surpreender nossos consumidores."

CONSTRUÇÃO CIVIL

"Menos horas úteis significa menos trabalho"

Leonardo Correia, CFO da MRV Engenharia, destaca que o impacto mais relevante da Copa para o negócio foi a antecipação dos feirões de imóveis para o mês de maio, com o objetivo de evitar uma competição da atenção do público com os jogos do Mundial. O menor número de horas úteis em junho e julho também teve consequências para os negócios. "De uma maneira ou de outra, foram dois meses de menos trabalho em função de feriados ou semiferiados. O impacto foi maior em algumas cidades, como Salvador, por exemplo, que juntou com feriados locais e festas juninas, então o horário de trabalho caiu bastante. E isso repercute para tudo: vendas, construção... Menos horas úteis, significa menos trabalho."

No entanto, a desaceleração no período não deverá afetar o desempenho dos negócios da MRV, que tem foco em construções residenciais de baixo custo, no restante do ano. "A companhia vem apresentando um bom crescimento em relação ao ano anterior. Mas acredito que é algo do nosso setor, não do mercado", aponta. Beneficiada por fatores como disponibilidade de emprego, renda e melhores condições de financiamento ao consumidor, a empresa cresceu 27% no ano passado, com R$ 5 bilhões em vendas contratadas.

Rogério Menezes

INDÚSTRIA QUÍMICA

"Não sentimos maiores impactos"

Rogério Menezes, CFO da AkzoNobel PPC, declara que alguns segmentos da indústria química, como resinas termoplásticas e tintas, tiveram oportunidades de negócio com a realização do Mundial de futebol, já que houve aplicação de plástico e derivados em cadeiras, pintura, traves do gol, estruturas de suspensão, copos descartáveis, entre outros objetos que contém polietileno, polipropileno e PVC. No entanto, em outros segmentos, a indústria química pouco foi impactada positivamente pelo evento, mantendo o quadro de revés estrutural do setor.

"Na área química voltada para o setor de celulose e papel, que é a que eu atuo, não sentimos maiores impactos. Os volumes foram os previstos, o nosso fluxo de produção não se alterou, tampouco as nossas receitas e os nossos resultados." Menezes entende que o ano de 2015 será similar ao ano atual, independentemente do governo que venha ocupar o poder. "Será um ano de novos ajustes, de PIB pequeno, demanda limitada, resultados pífios para a indústria química em geral. Com a ausência de aquecimento da economia, a indústria química, que é uma das principais fornecedoras de outros setores industriais, sofre por consequência. É o efeito dominó!", completa.

Alfredo Benito

TECNOLOGIA

"Vendas ficaram ainda mais aquecidas"

Alfredo Benito, diretor financeiro da Samsung no Brasil, destaca que os consumidores queriam se equipar com os melhores aparelhos tecnológicos para acompanhar o Mundial – o que aqueceu as vendas nas áreas de TV, áudio e vídeo no período. "Em anos de Copa, é normal ocorrer uma inversão da sazonalidade nas vendas de TVs, ou seja, as vendas do primeiro semestre ficam maiores que as do segundo, em uma proporção 60%-40%. Prevíamos um aumento de aproximadamente 15% no mercado em geral de TVs, por exemplo. Certamente, nosso crescimento foi acima do esperado no período."

Benito afirma que os grandes eventos sempre ajudam a divulgar e gerar maior relevância para as novas tecnologias. "Temos o portfólio mais completo do mercado, por isso, estamos muito otimistas em relação ao segundo semestre. E parte desse otimismo se deve aos lançamentos da marca para este ano."

Gladstone Campos

Daniel Levy

AVIAÇÃO CIVIL

"Retorno em longo prazo será positivo"

Segundo Daniel Levy, vice-presidente de Gestão e Finanças da TAM, aponta como positivos os resultados da operação executada pela companhia antes e durante o Mundial de futebol no Brasil. A empresa investiu mais de R$ 50 milhões para operar uma nova malha aérea entre 12 de junho e 13 de julho de 2014. Foram criados mais de 750 voos extras domésticos e mais de 350 internacionais para atender as cidades-sedes. Ao todo, a empresa transportou cerca de 3 milhões de passageiros no mercado doméstico, em mais de 20 mil voos realizados no período.

Bem-sucedida em atender o novo perfil dos viajantes durante o Mundial, a empresa sentiu, entretanto, um menor demanda de passageiros de turismo e negócios em rotas dentro do país. Esse impacto foi um dos principais fatores que levaram o Grupo Latam Airlines a revisar a estimativa de margem operacional para o ano de 2014 – antes de 6% a 8% – para cerca de 4% a 5%.

Levy afirma que o investimento para a Copa foi alto, mas o retorno em longo prazo será positivo para o país, pois a aviação e a recepção de turistas foram bem avaliadas. "*É uma enorme oportunidade para que essa visibilidade se transforme num potencial mais bem explorado para o Brasil. Fizemos nossa parte com muita preparação, investimento e o resultado é positivo*. Esperamos manter esse manter esse legado como indústria na forma de operar, pois o benefício para todo o sistema é muito grande."

Divulgação

*Por **Felipe Peñaranda,** líder de Segurança da Informação da IBM para América Latina*

Do benefício ao malefício em um passo

O home office tem se mostrado uma tendência entre as empresas brasileiras. Segundo a consultoria Top Employers Institute, 14% delas têm programas formais de trabalho em casa, número que corresponde a mais do que o dobro dos 6% registrados no ano passado.

Entre os benefícios dessa prática está a redução de custos, o aumento de produtividade e, principalmente, a diminuição no tempo de deslocamento em grandes centros que, de acordo com a Fundação Getulio Vargas, resulta na perda de R$ 26 bilhões anualmente na cidade de São Paulo, por exemplo.

Essa tendência só é possível graças ao amadurecimento tecnológico no país. Em pesquisa realizada em 2013, o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic) constatou que 97% das empresas usaram computador nos últimos 12 meses e que a rede corporativa é realidade para 96% delas. Se não bastasse isso, quase metade tem serviço de acesso remoto a pastas e arquivos, o que pode ser um risco à organização se os serviços eletrônicos não estiverem adequados e protegidos.

Devido a essa gama de opções, os crackers – indivíduos que por meio de brechas na segurança de serviços digitais realizam atividades mal-intencionadas contra organizações e pessoas – têm atuado com mais intensidade e sofisticação. Ter um departamento de TI preparado para lidar com qualquer situação é fundamental para que dados sensíveis sejam mantidos em segurança e, assim, a companhia não seja colocada em risco. Mas essa não é a nossa realidade.

Ao ouvir executivos responsáveis pelo gerenciamento de dados em 29 países, sendo um deles o Brasil, o instituto Ponemon constatou que empresas de todo o mundo não estão preparadas para garantir a segurança e a privacidade dos dados que possuem, sejam de clientes ou funcionários. Se considerarmos que há uma grande dependência das tecnologias hoje, quanto custaria para sua companhia ficar algumas horas, ou dias, sem sistema em caso de um ataque?

Não podemos esquecer que os riscos vão muito além dos números que vemos em um primeiro momento. A perda de credibilidade e de confiança de uma marca pode repercutir por longos períodos e amedrontar investidores e parceiros que estão cada vez mais conectados. Um dos exemplos claros foi a revelação feita pelo ex-funcionário da Agência de Segurança Nacional dos EUA, Edward Snowden, de que o país explorava falhas de segurança para a espionagem. Isso fez com que, do ano passado para este ano, a confiança do Brasil nos EUA caísse 17%, de acordo com o Pew Research Center.

Recentemente, a Nielsen Ibope revelou que em maio deste ano 87,9 milhões de brasileiros moravam em domicílios que estavam conectados à internet, o que corresponde a 43% da população do país. São quase 90 milhões de pessoas que utilizam serviços on-line e que dependem das empresas para que seus dados e suas transações estejam seguros.

Assim como a Cipa (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) visa prevenir acidentes e doenças decorrentes do trabalho, investir em soluções de segurança digital é prevenir que incidentes ocorram e que clientes, funcionários e a própria companhia estejam expostos às enfermidades que o vazamento de dados causa. ❖

*Por **Flávio K. Málaga**, doutor em finanças pela FEA/USP e professor do Insper*

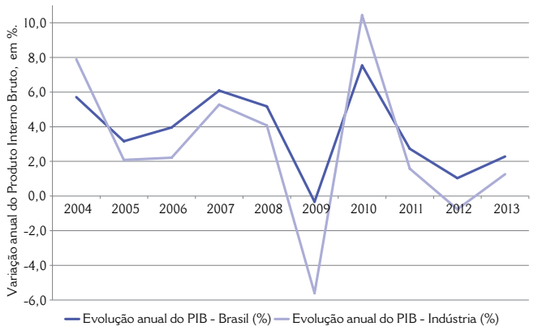
Divulgação

Sobre competitividade industrial, câmbio e inflação

Com a proximidade das eleições presidenciais, o baixo crescimento da economia brasileira ao longo dos últimos anos estará no centro dos debates. Constata-se diariamente, nas mais diversas mídias, as recomendações para reverter esse quadro, o que incluiu redução ou aumento da interferência do Estado na economia, diminuição da taxa de juros, desvalorização da moeda e necessidade de ajuste fiscal. É notável que o fraco desempenho da indústria contribuiu de forma relevante para o baixo crescimento do PIB brasileiro. Tal desempenho decorreu da queda da competitividade industrial, direcionada, entre outros fatores, por uma inflação interna não acompanhada pela desvalorização cambial.

Pela ótica da oferta, o produto interno bruto resulta da soma do valor gerado pela indústria, pelo setor de serviços e pela agropecuária, adicionado dos impostos – líquidos de subsídios – incidentes sobre os bens e serviços produzidos por esses setores. Observa-se no gráfico a seguir que no período entre 2004 e 2013, a indústria impulsionou o PIB nacional apenas nos anos de 2004 e 2010. Nos demais, ela atuou como "âncora", travando o crescimento da economia.

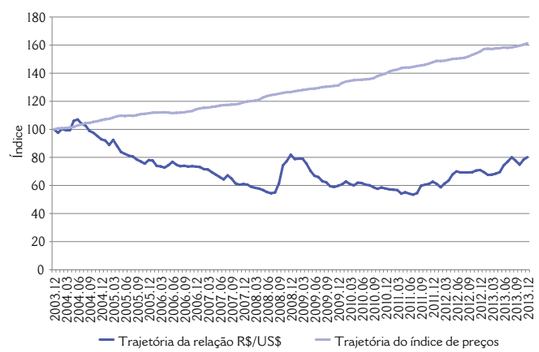
Gráfico 1 – Evolução do PIB Brasil e do PIB da Indústria (%)



Fonte: IPEA

Por outro lado, ao longo desse mesmo tempo, observou-se inflação crescente e câmbio volátil, mas ainda com valorização do real frente ao dólar. O gráfico a seguir apresenta a trajetória do índice de preços no Brasil entre 2004 e 2013, dado pelo IPC da Fipe, e do câmbio, partindo-se de uma mesma base (base 100 em 1/1/2004).

Gráfico 2: Trajetória relativa do câmbio e do índice de preços, entre 1/1/2004 e 31/12/2013



Verifica-se que o índice de preços evoluiu de uma base cem em janeiro de 2004 para 161 em dezembro de 2013, indicando que os preços na economia brasileira subiram, em média, 61% desde janeiro de 2004. Já a trajetória do câmbio indica uma valorização de nossa moeda, uma vez que o índice sofreu redução de aproximadamente 20% – passou de 100 no início de 2004 para 80 ao final de 2013.

Paridade do Poder de Compra

Ao se estabelecer a Paridade do Poder de Compra (PPC) no ano de 2004, a trajetória divergente do câmbio e da inflação indica uma violação dessa paridade, desfavorecendo, assim, a competitividade dos produtos brasileiros no mercado externo. A PPC é uma teoria econômica que estima o ajuste necessário na taxa de câmbio entre dois países para que a troca se mantenha equivalente com o passar do tempo.

Exemplificando: supondo que uma cesta de produtos custasse R$ 100 em janeiro de 2004, considerando o câmbio à época, de 2,92 R$/US$, um americano necessitaria de US$ 34,25 para adquirir essa cesta. Passados dez anos, e considerando o câmbio de fechamento de 2013, de 2,34 R$/US$, esse mesmo americano necessitaria de 68,77 dólares para adquirir a mesma cesta de produtos. Logo, nosso produto ficou mais caro para o americano, visto que após uma década a mesma quantidade de dólares não adquire os mesmos produtos, o que indica a violação da PPC de 2004.

Tabela 1: Cenário real

	1/1/2004		12/31/2013
Preço em R$ da cesta de produtos	100	Inflação no período: 61%	161
Câmbio (R$/US$)	2,92	Valorização cambial: -19,82%	2,34
Dólares necessários para adquirir a cesta de produtos	34,25		68,77

Para que a PPC não fosse violada (e na ausência de inflação no mercado americano), a taxa de câmbio, ou o real, deveria ter se desvalorizado na mesma magnitude da inflação, ou seja, em 61%. No entanto, seguiu o caminho inverso: teve valorização de 19,82%. Considerando que a inflação americana no período medida pelo *Consumer Price Index* foi de 26,44%, para a manutenção da PPC, a taxa de câmbio deveria ser hoje (teoricamente e *ceteris paribus)* 3,72 R$/US$, como sinalizado na tabela 2.

Resumidamente, a taxa de câmbio atual deveria sofrer hoje uma desvalorização de 59% para alcançar a taxa de 3,72 R$/US$ e manter a PPC de 2004, caso esse fosse o período de referência entre os preços e as relações de troca internacionais – desconsiderando outros fatores que impactam a economia.

A PPC impõe premissas econômicas que foram alteradas desde 2004, tanto no Brasil como no mundo. A conjuntura econômica evoluiu, assim como as políticas monetária e fiscal, e os fatores de competitividade e de produção não são os mesmos, o que em conjunto desloca a PPC e a taxa de câmbio.

Entretanto, esse deslocamento não foi acompanhado por ganhos de competitividade interna. Assim, hoje, os produtos brasileiros tornaram-se mais caros para os consumidores internacionais do que há uma década, e a pauta de exportação reflete essa queda de desempenho e perda de competitividade. Pode-se argumentar que o Brasil atual não é o mesmo de 2004, e que, portanto, a PPC da época e o câmbio não refletiriam a real condição de troca econômica.

Tabela 2: Cenário para manutenção do Poder de Paridade de Compra (PPC)

	1/1/2004		12/31/2013
Preço em R$ da cesta de produtos	100	Inflação no período: 61%	161
Câmbio (R$/US$)	2,92	Desvalorização teórica e necessária do câmbio, para se manter a PPC de 2004, já considerando a inflação americana no período de 26,44%: 27,33%	3,72
Dólares necessários para adquirir a cesta de produtos	34,25		43,30

Porém quando observamos, atualmente, os principais indicadores econômicos e o desequilíbrio entre eles, incluindo baixo crescimento do PIB, inflação crescente, juros em alta, *déficit* fiscal, gargalos estruturais e logísticos, *déficit* educacional e de saúde e alto custo da mão de obra, conclui-se que a PPC foi deslocada não por melhoria dos fatores econômicos ou ganhos internos de produtividade, mas por desequilíbrios econômicos gerados, dentre outros fatores, por altas taxas reais de juros e pelo que se denomina "doença holandesa": recursos provenientes das exportações de *commodities* valorizam a moeda local, o que torna a indústria menos competitiva no mercado internacional.

A indústria brasileira sofreu uma sobrecarga ao longo dos últimos dez anos. Além de ter que enfrentar o aumento do custo dos fatores de produção, teve que lidar com um deslocamento desfavorável da PPC ou da taxa de câmbio. Se o objetivo do Governo é impulsionar esse setor, que responde hoje por 21% do PIB brasileiro, necessariamente deverá reconhecer o impacto da mudança da PPC sobre a indústria e definir políticas estruturais não paliativas que reduzam o custo dos fatores de produção no Brasil. ❖

Por ***Iago Henrique Rodrigues Monteiro*** *com a orientação do* ***Prof. Dr. Alberto Borges Matias***

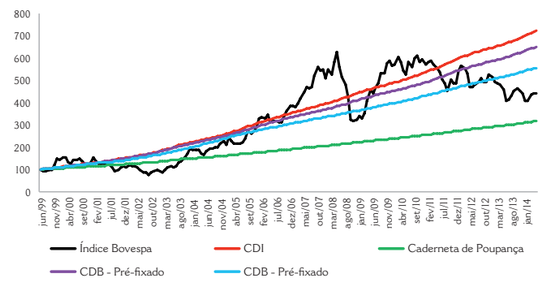
O dilema entre renda fixa e renda variável no Brasil

O mercado de capitais possui diversas teorias sobre como os investidores devem guiar suas aplicações nas diversas formas de investimentos. Alguns acreditam que o perfil do investidor deve ser o principal determinante dessa escolha, enquanto outros preferem dar foco na finalidade do investimento, bem como o período de resgate da aplicação. Tanto essas teorias como diversas outras tentam explicar que as diferentes formas de investimento podem proporcionar retornos inferiores ou superiores, conforme o nível de risco que se está disposto a assumir. Essa relação entre risco e retorno é expressa mais claramente na comparação entre a renda fixa e variável.

De um modo geral, os mercados de capitais internacionais possuem o consenso de que, no longo prazo, a renda variável proporciona um maior rendimento, enquanto a renda fixa é mais interessante para proteger o capital do investidor em certos períodos, proporcionando-lhe também maior liquidez financeira. Esse consenso geral faz sentido, pois, no longo prazo, se as companhias não conseguirem ter rendimentos acima dos juros de mercado, a tendência é de não sobreviverem. Isso aconteceria por dois motivos: primeiro, as firmas estariam destruindo valor, já que poderiam ter maiores retornos apenas aplicando o capital em outro investimento, e, segundo, devido aos investidores e credores não se interessarem em aportar recursos nessas empresas, visto que o mercado financeiro proporcionaria maior retorno. Contudo, esse consenso, até agora, não funcionou tão bem no Brasil como em outros países.

No Gráfico 1 está exposto o rendimento de investimentos na Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros de São Paulo, e alguns investimentos em renda fixa, se um capital fosse investido em junho de 1999 e não sofresse interferências até maio de 2014. Os investimentos em renda fixa expostos no gráfico são CDI (Certificado de Depósito Interbancário), CDB (Certificado de Depósito Bancário) pré e pós-fixado e a Caderneta de Poupança, que são os mais representativos e mais comumente utilizados no Brasil. Nele, é possível observar que em alguns pontos, onde há mais estabilidade econômica, o rendimento do Ibovespa foi maior que o das rendas fixas, entretanto no final desse período de 15 anos tanto o CDI quanto o CDB pré e pós-fixado foram melhores investimentos do que a Bolsa.

Gráfico 1 – Rendimento de Investimentos, base 100 = jun/99 – Inepad e Banco Central



Como é possível notar na curva do Índice Bovespa, o pico do rendimento foi em maio de 2008, nas vésperas da crise do subprime americano atingir o Brasil. Desde então, houve alguns bons resultados esporádicos, mas a Bovespa não conseguiu recuperar o crescimento e atingir novamente o rendimento pré-crise. Ao final do período estudado, como mostra a Tabela 1, o rendimento médio mensal do IBovespa foi 0,83%. Já o CDI, CDB pré-fixado e pós-fixado tiveram os melhores rendimentos, com retornos médios mensais respectivamente de 1,11%, 1,05% e 0,96%, enquanto a caderneta de poupança representou 0,64% a.m. de rendimento médio.

Tabela 1

Investimento	Rendimento Acumulado até Maio de 2014	Rendimento Médio Mensal
Bovespa	340,89%	0,83%
CDI	624,01%	1,11%
Caderneta de Poupança	216,95%	0,64%
CDB Pré-fixado	552,41%	1,05%
CDB Pós-fixado	457,01%	0,96%

Ainda na Tabela 1, é possível observar que em maio de 2014 o capital acumulado por quem investiu nas opções de renda fixa seria consideravelmente maior do que quem aplicou na Bovespa. Enquanto o investimento no CDI rendeu um capital 624,01% maior, o investimento na Bovespa rendeu um aumento de 340,89% no capital investido.

O fato de a renda fixa ser mais rentável do que a renda variável no Brasil pode ser entendida pelo histórico brasileiro de possuir altas taxas de juros, a base da remuneração de renda fixa, em relação aos outros países, e pelas incertezas políticas e econômicas do país, que afetam os voláteis preços das ações da Bovespa.

Além disso, é possível perceber que a realidade do mercado financeiro brasileiro é diferente da realidade dos mercados financeiros internacionais, dessa maneira, a preferência dos investidores brasileiros pela renda fixa pode ser entendida. ❖

Elaborado pelo Centro de Pesquisas do Inepad – Núcleo Cepefin:

Elaboração:
Iago Henrique Rodrigues Monteiro – Pesquisador do Centro de Pesquisas do Inepad – Núcleo Cepefin. Graduando em ciências econômicas pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo no campus de Ribeirão Preto.

Orientador:
Alberto Borges Matias – Fundador do Inepad e orientador do Cepefin. Professor titular do Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo no campus de Ribeirão Preto. Livre docente em finanças, atuando nos programas de graduação, pós-graduação e MBAs da Universidade.

Divulgação

Por Octavio de Barros

Economista-chefe do Banco Bradesco

#NAO_VAI_TER_JUROS_2015

Virou moda lançar nas mídias sociais *hashtags* para vários temas. Durante a Copa do Mundo, quando nada aconteceu no terreno da atividade econômica brasileira – que por sinal já estava cambaleante antes mesmo do evento –, poderíamos dizer que ficou espelhado na curva de juros do mercado a *hashtag* que dá título a este artigo.

A atividade econômica está parada devido a um cenário de atividade global de recuperação moderadíssima e de um comércio internacional com crescimento próximo de zero nos últimos 12 meses terminados em abril. Fatores eminentemente domésticos, relacionados à confiança dos atores econômicos, completam o quadro de crescimento brasileiro muito baixo. Por mais que reconheçamos que não exista nenhum país relevante no mundo que exiba uma exuberância de crescimento ou de investimento, atravessamos, hoje, no Brasil, um período de estagnação do PIB e mesmo de recessão, se considerarmos apenas o setor industrial.

Podemos especular se o PIB potencial do Brasil caiu e se, portanto, a atividade econômica atual exercerá pressões inflacionárias adicionais. Mas dada a queda forte de pedidos em carteira observados nos segmentos manufatureiros, aumento de estoques na indústria e no comércio e confiança em níveis tão baixos como os de 2009, a resiliência da inflação não poderá ser tão duradoura, na minha visão. As pressões inflacionárias não resistirão à atividade econômica tão deprimida como a atual. O mercado de trabalho já dá sinais inequívocos de que a taxa de desemprego deve aumentar um pouco nos próximos seis meses. Em outras palavras, as pressões inflacionárias remanescentes advêm exclusivamente da inércia de um setor de serviços apertado e impactado por salários rígidos, da indexação e da deterioração das expectativas inflacionárias. A economia brasileira vem operando abaixo de seu potencial faz bastante tempo e as pressões inflacionárias não são, neste momento, decorrentes de pressões típicas de demanda.

Além disso, tenho a leitura de que o ajuste da atividade que se observa no ano em curso já é suficientemente forte para que possamos antecipar que não será necessário um aperto recessivo adicional em 2015. O que se pode prenunciar para o próximo ano, independentemente de quem ganhar a eleição de outubro, será um esforço de recuperação da confiança, em maior ou menor grau, a partir de medidas que tenham um caráter intertemporal.

É isso que o país precisa: medidas que confiram intertemporalidade ao equilíbrio fiscal e não anúncios de ajustes que, ex-antes, sabemos que não terão fôlego muito longo.

Fica a pergunta: neste ambiente de desaceleração, faz sentido antecipar aumentos de juros em 2015 para promover uma convergência mais rápida da inflação na direção do centro da meta? Acredito que nem mesmo com uma eventual vitória da oposição haverá pressa nesse processo. A convergência deverá ficar para 2016 ou mesmo 2017. A prioridade será reorganizar o lado fiscal e possivelmente oferecer um novo padrão de gestão aos bancos públicos. Juros ficarão em um segundo plano.

Mas existe outra pergunta no ar que me é dirigida ainda mais intensamente: existe a possibilidade de redução da taxa de juros nesse contexto de crescimento pífio em 2014 e que sinalizará um carregamento estatístico muito baixo para a expansão de 2015?

Tendo a responder que não. Eu não apostaria em queda de juros nem antes nem depois das eleições. Dentro do nosso cenário de que a inflação ficará abaixo do teto da meta neste ano, os efeitos defasados do trabalho do Banco Central têm sido fundamentais. Além disso, uma redução da taxa de juros traria benefícios relativamente restritos, uma vez que em nada contribuiria para contenção da inércia inflacionária e principalmente para melhora das expectativas em relação aos preços, que continuam muito pressionadas. Portanto, não há incentivos para uma redução de taxa de juros antes ou imediatamente depois das eleições. Não há sequer incentivos políticos, na medida em que a prioridade de política econômica é a inflação cadente.

Caso o próximo governo, seja ele quem for, inicie um programa de reformas que contemple ajustes de longo prazo na área fiscal e traga uma restauração da confiança dos agentes no plano dos investimentos e futura expansão da oferta, poderíamos assim vislumbrar alguma redução de juros em 2015. Mas não é o nosso cenário básico neste momento. Pode até vir a ser o cenário dentro de alguns meses.

Além disso, com a normalização da política monetária nos Estados Unidos exercendo uma pressão sobre as Treasuries de dez anos, poderemos observar alguma depreciação cambial do real (nada exagerado), que poderá criar dificuldades adicionais na convergência da inflação para patamares mais baixos. O Banco Central, neste momento, não tem qualquer interesse que ocorra um pico súbito de depreciação, o que por sua vez colocaria em risco a inflação abaixo do teto da meta em 2014. Mas, em caso de mudança abrupta na leitura dos mercados sobre o ciclo de juros por parte do Federal Reserve, pressões cambiais adicionais poderão se tornar inevitáveis.

Na minha visão, a prioridade do Banco Central do Brasil atualmente é a de gerar o mínimo de volatilidade de juros e de câmbio e passar o bastão para quem vier a assumir a área econômica no próximo governo. ❖

COLOCANDO A MÃO NA MASSA

A ÚNICA FORMA DE REDUZIR OS CUSTOS COM SAÚDE NAS EMPRESAS É MANTER OS FUNCIONÁRIOS SAUDÁVEIS. A EQUIPE MULTIDISCIPLINAR DA VICTORY ESTÁ PRONTA PARA ATUAR FORTEMENTE ATRAVÉS DE PROGRAMAS DE SAÚDE NO AMBIENTE CORPORATIVO.

"O mundo corporativo precisa entender que se queremos ter maior produtividade, menor absenteísmo e presenteísmo, uma equipe motivada e feliz, tem que investir na prevenção e promoção da saúde no ambiente da empresa". Com esta frase, VERA BEJATTO, Presidente da **VICTORY CONSULTING**, uma das mais importantes e qualificadas empresas de gestão integrada de saúde, afirma que não existe outra fórmula de manter controlados os custos dos planos de saúde.

Trocar o plano de saúde costumava ser a medida mais comum adotada pelas empresas diante de um reajuste relevante feito pela Operadora contratada. Hoje, porém, a mudança já não é tão simples. A consolidação no setor de saúde suplementar e o crescente número de prestadoras desse serviço com dificuldades financeiras, diminuíram as opções de planos de saúde ofertados. Além disso, não adianta apenas trocar de plano de saúde, porque se houver um problema na carteira, ele será repassado para a outra operadora e na renovação do contrato haverá aumento de preços novamente.

Informe Publicitário

Outro fator importante é que se a empresa já passou por várias operadoras, o seu retorno é quase impossível, já que deixam um rastro de despesas assistenciais para trás quando cancelam o contrato. Portanto, existem empresas hoje que não têm mais opção de mercado, permanecendo com uma elevada fatura e sem ter para onde ir.

Diante desse cenário, ganha força a contratação de consultorias especializadas em gestão dos benefícios para implantação da Gestão Integrada da Saúde, que tem sido uma grande saída para os Gestores de RH e Financeiros. A **VICTORY**, por exemplo, é uma dessas consultorias, capaz de indicar soluções para redução de custos. Após uma análise de como o benefício é utilizado pelos funcionários, ações importantíssimas são propostas para mitigar a elevação de sinistros no plano de saúde.

Mas tudo isso é possível, desde que os Gestores de RH e Financeiros tenham ciência de que os planos de saúde são reajustados pelo sinistro e pela inflação médica, e que, se não houver uma "ação imediata", a tendência é de piora.

O grande desafio do RH, sem dúvida, é a montagem de uma equipe multidisciplinar para cuidar da saúde dos seus funcionários. A **VICTORY** trouxe essa solução. Uma equipe de profissionais da saúde (médicos, enfermeiros de gestão, nutricionistas, fisioterapeutas, psicólogas, e assistentes sociais) foi criteriosamente contratada para "colocar a mão na massa" como diz VERA BEJATTO, e atingir as metas de redução de custos médicos através da bandeira da prevenção e promoção à saúde.

O **Victory Solutions®** - Soluções Integradas da Saúde é o software que registra todas as ações de qualidade de vida selecionadas pelo RH, após o mapeamento do perfil de saúde. Com esses indicadores em mãos, é possível aplicar programas de saúde certeiros, que vão além da quick massage e da ginástica laboral. Vera informa que são mais de 58 projetos especiais contemplados em seu sistema e que geram o **ROI DA SAÚDE**, para que as empresas saibam exatamente qual é a ação de saúde de maior impacto na redução dos custos no plano de saúde.

"Outra grande vantagem de se ter um software próprio é analisar os indicadores de forma unificada, abandonando as velhas planilhas Excel, com informações em 'colcha de retalhos' que não interagem".

INFLAÇÃO MÉDICA

Existe uma preocupação quanto à sustentabilidade do benefício saúde, pois os custos crescem muito mais do que os índices da inflação econômica. Em 2014, o VCMH (Variação de Custo Médico Hospitalar) ficará entre 16,59% e 20,75%, que é o reajuste financeiro. Além desse índice, as renovações de contratos com planos de saúde também deverão contemplar o Reajuste Técnico, que é o desequilíbrio econômico e financeiro pela elevação da sinistralidade acima do índice pactuado em contrato (em torno de 70%).

ROI DA SAÚDE

A Victory dispõe, via web, para seus clientes, relatórios e dashboards gerenciais, identificando quais são as ações de saúde que geram redução da sinistralidade. Também conseguem, através do sistema Victory Solutions®, identificar qual é o impacto no sinistro de um funcionário que adere aos programas de saúde x funcionários que não aderem aos programas. A diferença chega a ser de até 400%.

IBEF Mulher

Divulgação

Luciana Medeiros von Adamek
Vice-presidente da Diretoria Executiva do IBEF SP

Muito além de uma questão de gênero

Muito já se falou e, provavelmente, muito ainda se discutirá sobre a diferença de comportamento entre homens e mulheres que ocupam cargos executivos em grandes empresas. Recentemente, na edição de junho da *Harvard Business Review*, o assunto veio novamente à baila em uma matéria sobre um estudo que avaliou como as mulheres se sentem, agem e são percebidas pelos homens num momento bastante sensível da vida corporativa: as reuniões.

A pesquisa, realizada em 2012, baseou-se na análise de desempenho 360 graus de 1.100 executivas no nível de vice-presidência ou superior. Envolveu ainda uma abordagem com 270 executivas de 500 organizações elencadas pela revista *Fortune*, além de entrevistas com 65 executivos – homens e mulheres – de alto escalão.

O estudo indica que, de maneira geral, os homens acham que as mulheres têm dificuldade de se fazer ouvir nas reuniões, seja porque não falam suficientemente alto ou por não conseguirem se encaixar na discussão. Eles percebem certa insegurança em suas colegas, um comportamento que se reflete em atitudes como assumir posições defensivas quando desafiadas ou entrar em pânico quando perdem a atenção da sala. Afirmam que elas precisam ter opiniões mais fortes, ser mais concisas e manter o foco.

Essa falta de confiança, de fato, foi confirmada por relatos de executivas que, em inferioridade numérica em salas de conselho e em cargos de nível de chefia, relatam se sentirem sozinhas, desamparadas, fora de sua zona de conforto.

Em suma, em meio a um cenário ainda dominado por homens, as executivas parecem perder a espontaneidade. Com isso, criam uma barreira que as deixa numa posição de inferioridade e as impede de dar vazão a todo seu potencial profissional. Como romper esse obstáculo e fazer com que as mulheres se sintam mais à vontade e atuem com naturalidade em um ambiente tão marcado pela personalidade masculina?

Os responsáveis pela pesquisa dão algumas indicações, o que inclui participar de conversas prévias e informais com os colegas antes das reuniões, uma prática seguida pelos homens, com bons resultados. As executivas devem também se preparar melhor para falar informalmente e ser mais incisivas. Ter cuidado com a forma como se expressam, usar um tom tranquilo e não encarar as eventuais discussões como uma questão pessoal são outras sugestões para que as mulheres consigam se colocar melhor e se fazer ouvir. Outra sugestão é que as empresas adotem mecanismos de feedback para ajudar as profissionais a ter uma visão mais clara sobre sua participação em reuniões.

Todas essas estratégias possivelmente contribuirão para que as mulheres sejam ouvidas de igual para igual, apesar do amplo domínio masculino. Há, porém, um princípio básico que serve de base para qualquer um que pretenda manter uma posição de liderança, seja homem ou mulher. Algo que nos é ensinado desde os tempos de escola e que se aplica especialmente quando o assunto é reunião de trabalho: saber ouvir o outro.

Mais do que tentar simplesmente se portar de modo adequado para ser compreendida pelo olhar masculino, a mulher que atua num alto nível gerencial precisa saber lidar com o contraditório, independentemente do gênero de quem está à mesa. Deve estar preparada para defender suas posições, o que requer a capacidade de embasar seus pontos de vista em argumentos sólidos e antecipar possíveis críticas. Precisa, ainda, reconhecer o momento de recuar e encarar esse movimento como algo natural, que faz parte do processo.

As corporações se estruturaram como espelho de uma sociedade em que o trabalho, na esfera pública, era essencialmente masculino, e que a vida privada era território do feminino por excelência. Essa dicotomia se infundiu na cultura da maioria das empresas. O mundo, porém, vem mudando. E aceleradamente. No momento em que a busca por qualidade de vida se impõe como valor dentro das organizações, em que homens e mulheres assumem outros papéis e as novas gerações de profissionais querem conseguir conciliar o público com o privado, cabe olhar para a falta de entendimento entre homens e mulheres não sob a perspectiva limitada do gênero, mas como uma questão que envolve também a necessidade de um diálogo mais profícuo entre as pessoas.

Saudações. ❖

Por Redação / Foto: Divulgação

José Carlos Magalhães em uma página

José Carlos Reis de Magalhães iniciou sua carreira de investidor aos 16 anos. O aprendiz mostrou-se bastante promissor. Ainda na faculdade (cursou administração pela Fundação Getulio Vargas), dava sinais de seu espírito empreendedor: com um grupo de colegas fazia alguns investimentos para aprender na prática o que via na teoria. Com apenas 24 anos, era um executivo experiente: havia trabalhado na GP Investimentos, no Banco Patrimônio (hoje Pátria) e era responsável pela Semco Ventures, braço do grupo Semco para apoiar novos negócios.

Em 2002, propôs ao empresário Ricardo Semler uma sociedade para montarem um fundo de investimentos. Surgia então a Tarpon que, como o próprio nome sugere, é peixe grande. O jovem executivo cercou-se dos maiores investidores do país: Luiz Alves Paes de Barros, Luis Stuhlberger, da Hedging-Griffo, e Guilherme Affonso Ferreira, sócio da Bahema e ex-acionista do Unibanco. Deu certo. A empresa começou numa sala, com uma secretária e um analista e um capital inicial de US$ 1 milhão. No primeiro ano em operação, a Tarpon Investimentos obteve uma rentabilidade de 64%. Hoje, apenas 12 anos depois de sua fundação, a gestora de recursos administra R$ 8 bilhões – com uma rentabilidade média de 30% ao ano -, conta com um grande escritório na Faria Lima e emprega 50 funcionários.

"Zeca", como é conhecido no mercado, costuma dizer que para achar bons negócios é necessário bater perna – e ele mesmo vai atrás dos futuros investimentos da companhia. No portifólio da Tarpon de empresas investidas estão BRF, Cyrela, Daycoval, Coteminas, Celesc, Marisa, Morena Rosa, Gerdau e AGV Logística, dentre outras. Ao considerar um investimento, Zeca se preocupa menos com o preço dos ativos e prioriza a qualidade do negócio. O foco da Tarpon é investimento de longo prazo. ❖

Jacinto Alvarez

Felipe Guarnieri
Líder do IBEF Jovem

Gerenciando a carreira em anos desafiadores

Este ano três grandes eventos, espaçados por apenas três meses entre si, ocupam a vida dos brasileiros e impactam a vida dos profissionais de finanças: Carnaval, Copa e eleições. O Carnaval acontece todos os anos e as eleições presidenciais de quatro em quatro – sempre provocando sobressaltos a cada nova pesquisa. A surpresa é a Copa do Mundo, que historicamente impactou o país a cada 64 anos, o suficiente para que apenas uma geração tenha experiência real sobre o assunto.

Adicionalmente, a economia tem se mostrado mais apática do que em anos anteriores, o crescimento em ritmo moderado e a inflação flerta com os 7% ao ano. Tudo isso traz um cenário ainda mais desafiador para os executivos financeiros, que se veem obrigados a buscar resultados num cenário complexo, nebuloso, com maior pressão de acionistas por resultados, ao mesmo tempo em que clientes postergam negócios até que a situação do país se defina.

O que tradicionalmente é motivo de preocupação em outras carreiras, na verdade acaba sendo uma grande vantagem para nós. A atuação de um financeiro possui características anticíclicas, que são importantes para as empresas em épocas de crescimento, mas, principalmente, em épocas mais difíceis. O que muda na verdade é a natureza do trabalho. No momento atual, habilidades como gestão orçamentária, controle de custos, estruturação de dívidas e capital de giro, liderança de reestruturações e foco no resultado acabam fazendo o diferencial na empresa.

O executivo financeiro (seja ele de qualquer nível organizacional e área de atuação na empresa) que souber direcionar o seu trabalho para esses assuntos, poderá inclusive sair mais fortalecido na carreira, quando a situação do país se definir e o período de crescimento econômico voltar com mais força.

Aproveitando este espaço, informo que em julho fizemos uma reunião aberta do IBEF Jovem, com a participação de cerca de 15 membros, onde definimos nossa atuação até o final do ano – com destaque para a organização do evento de MBAs.

Até a próxima! ❖

Para comentários, dúvidas ou sugestões, por favor, entre em contato pelo e-mail **ibef.jovem@ibefsp.com.br.**

Por Paulo Pires
Head no Brasil da Brazil Plus Investment Management
papires@brazilplus.com

DICA DE CARREIRA

Não basta dominar números

Um dos aspectos mais preocupantes com os quais me deparo, durante a contratação de um novo analista, normalmente em início de carreira, é a capacidade de análise e tomada de decisões, quando essas não estão baseadas somente em dados. Já me deparei com analistas muito bem preparados tecnicamente, mas que pecavam na capacidade de lidar com situações que fugiam de suas rotinas cotidianas.

As experiências adquiridas durante o convívio social no período da universidade, a participação em entidades estudantis dentro do ambiente acadêmico e fora dele, o estágio a que os estudantes estão sujeitos nos períodos finais do curso de graduação, entre outras atividades, submetem o estudante que pretende ingressar no mercado financeiro a situações que fogem do conforto programado de um semestre letivo, no qual ele já sabe o que terá que estudar, quais serão os dias dos exames etc.

A capacidade de lidar com situações adversas é tão importante quanto a capacidade analítica para um analista financeiro. No dia a dia do mundo corporativo, somos constantemente submetidos a cenários pouco favoráveis, que afetam diretamente nossas rotinas.

Não lidamos apenas com números, mas também com as pessoas que estão por trás desses números, com suas qualidades e defeitos. Muitas vezes, na carreira executiva, vamos nos deparar com erros de pessoas que estão ao nosso redor. E teremos que saber a melhor forma de lidar com essas situações, desenvolvendo competências que vão muito além da capacidade técnica. ❖

Desejo

Por Redação / Fotos: Divulgação

Coleção Delvaux Brillant

Fornecedora oficial da família real belga desde 1883, a Delvaux relança o seu modelo ícone de 1958. Produzida artesanalmente com couros vindos da França e da Itália, a bolsa leva em média 25 horas para ficar pronta.
en.delvaux.com

Meisterstück 90 Years Collection

Homenagem à primeira peça, produzida em 1924, em Hamburgo, esta edição especial foi adornada com acessórios banhados a ouro rosé. O corpo da caneta recebeu 1,1 grama do metal precioso.
www.montblanc.com

Vertu Constellation

Smartphone de luxo, com design elegante e hardware potente. O aparelho é envolto em couro e a tela de 4,3 polegadas protegida por cristais de safira.
www.vertu.com

IWC Aquatimer Chronograph Expedition Charles Darwin

Confeccionado artesanalmente, o modelo é o primeiro da marca com caixa de bronze. Possui uma porcentagem extra de alumínio, o que torna o cobre menos avermelhado e mais resistente.
www.iwc.com

Turismo

Por Redação / Fotos: Divulgação

Uma visita a Barcelona

A Catalunha é a região a mais rica da Espanha: produz um quinto da riqueza nacional e mantém uma tradição cultural diferenciada. Situada ao nordeste da península Ibérica, a Catalunha é reconhecida como comunidade autônoma e possui um histórico secular de luta por maior independência em relação ao resto do país. Sua capital, Barcelona, é um dos lugares mais propícios ao turismo de negócios, uma vez que mescla a pujança de metrópole com um ambiente artístico inconfundível.

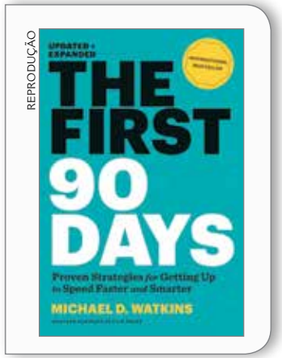
Barcelona é um museu dedicado à vida: suas ruas estreitas e escuras do Bairro Gótico; as movimentadas calçadas de "La Rambla"; a grandiosidade da Praça Catalunha, que preserva em seu subterrâneo as ruínas do domínio romano, o urbanismo moderno e de alta qualidade e, claro, o monumento mais visitado da Espanha: a Basílica da Sagrada Família, obra não acabada de Gaudí, mas extraordinária por essência. A cidade conta ainda com um serviço exclusivo para turismo de negócios, trata-se do Convention Bureau, que auxilia gratuitamente encontros empresariais; em 2013 foram mais de 2 mil eventos assessorados. Além disso, por meio de um acordo com Viena, o governo local oferece facilidades para quem vem a negócios e tem interesse de estender sua rota à capital austríaca.

Na área central, próximo ao Bairro Gótico, encontra-se o mais luxuoso hotel da cidade, El Palace Barcelona, cujo esplendor se evidencia também em seu passado: Salvador Dalí viveu durante anos na suíte presidencial, hoje chamada de Suíte Dalí. Além da excelente localização, que possibilita conhecer várias atrações turísticas em um passeio a pé, o hotel oferece facilidades para executivos como serviço de concierge, salas de reuniões, business center, aluguel de carros e traslado para o aeroporto. Para os amantes da alta gastronomia, a dica é o restaurante Caelis, premiado com uma estrela *Michelin*, que combina a culinária catalã à *nouvelle cuisine*. O cardápio tem a assinatura do prestigioso chef Romain Fornell.

Suíte clássica de luxo

El Palace Barcelona
Gran Via de Les
Corts Catalanes, 668,
Barcelona, Espanha

Para mais informações:
Reservas:
Telefone: + 34 93 5101130
www.hotelpalacebarcelona.com



REPRODUÇÃO

The First 90 Days: Proven strategies for getting up to speed faster and smarter, updated and expanded

Michael D. Watkins
Harvad Business Review Press – US$ 16,50

Por Marcos Binder
CFO da Sodexo Benefícios e Incentivos

Em um momento de transição de carreira, tive a felicidade de receber de um amigo a indicação para a leitura do livro *The First 90 Days*, de Michael Watkins. Com uma linguagem muito agradável e objetiva, o autor explora um plano de trabalho buscando cobrir os primeiros 90 dias de uma fase de transição de carreira – que pode ser um novo posto de liderança em uma nova empresa ou mesmo uma promoção no empregador atual. Os insights sobre como organizar as fases de transição inicial, diagnóstico, *quick wins*, estabelecimento de alianças e implementação da mudança são muito interessantes e práticos.

A utilidade do conteúdo apresentado não se restringe somente a uma fase de transição, mas trata-se de uma forte ferramenta de *business awareness*, por meio de propostas para monitoramento constante da situação e desafios enfrentados seja pela sua empresa ou pelo seu departamento específico. E também para a eminência de mudança de rumo necessária para o negócio, associado ao *self awareness*, ou seja, como você está inserido nesse contexto e como pode eventualmente orientar suas ações para enfrentar tais desafios.

A aplicação dos conceitos vai além dos 90 dias iniciais e se torna uma ótima referência para gestão estratégica, não importando o nível hierárquico da liderança, pois pode ser aplicado tanto pelo gerente quanto pelo CEO.

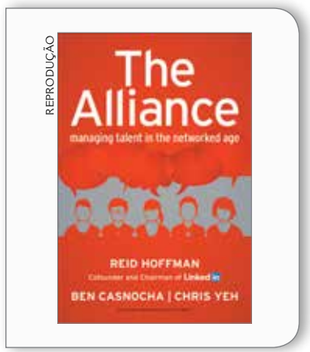
Estante

REPRODUÇÃO

Planejando cenários

Woody Wade
Editora Saraiva – R$ 59,90

O planejamento das ações futuras deve considerar todos os cenários possíveis, positivo ou negativo, e o bom gestor estar preparado para ambos.

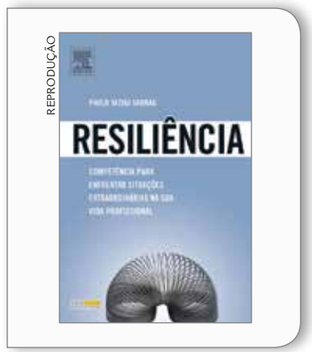


REPRODUÇÃO

The Alliance: Managing talent in the networked age

Reid Hoffman, Ben Casnocha e Chris Yeh
Harvard Business Review Press – US$ 18,63

No atual mundo dos negócios, emprego para a vida toda é coisa do passado. Um pacto realista entre empregador e empregado enxerga ambos como aliados.



REPRODUÇÃO

Resiliência

Paulo Yazigi Sabbag
Campus Elsevier – R$ 52,90

Um dos vencedores do Prêmio Jabuti de 2012, *Resiliência* ensina, por meio de cinco princípios, como líderes e gestores podem aprimorar essa competência.

Por Redação / Fotos: Arquivo pessoal

"Sempre há espaço para aprender"

Quando chegou ao Brasil pela primeira vez, em 1988, Stéphane Engelhard tinha 24 anos de idade. Recém-formado em administração, ele optou por auxiliar uma empresa francesa com negócios no exterior como forma de cumprir o serviço civil – alternativa oferecida aos jovens franceses, com ensino superior, em relação ao serviço militar obrigatório na época. A empresa francesa em questão estudava aumentar seu capital em uma companhia brasileira, sediada em Fortaleza (CE), e precisava de alguém que fosse uma ponte entre a França e o Brasil, um representante que pudesse acompanhar a rotina da companhia e explicar como o mercado brasileiro funcionava.

Aprender português em poucos meses e entender a operação local foram desafios pequenos se comparados à árdua tarefa de traduzir o que o país vivia naquele período, que ficou conhecido como a "década perdida". Após três planos econômicos de contenção fracassados, o Brasil encontrava-se às portas da hiperinflação. Em um cenário tão complexo e com perspectivas obscuras, a companhia francesa desistiu de fazer o investimento e o jovem Engelhard voltou para a França, em 1989.

Em Paris, trabalhou como auditor da Deloitte. Dividia seu tempo entre um terço na capital francesa e dois terços viajando pelo mundo, trabalhando em países da África Francófona e também Austrália, Nova Zelândia e Nova Caledônia. Foi uma época muito rica no contato com culturas diversas. Mas Engelhard sempre teve vontade de retornar para o Brasil. Seis anos se passaram e ele decidiu buscar oportunidades que o levassem de volta. A chance surgiu no Grupo Accor. Em 1996, voltou para o Brasil no cargo de Controler Financeiro da *holding*. O momento era bem mais promissor: o país agora se beneficiava da estabilidade trazida pelo Plano Real.

Roberto Lima, então CFO da Accor no Brasil, foi quem convidou Engelhard para conhecer o instituto Brasileiro de Executivos de Finanças. Lima foi presidente do IBEF SP entre 1998 e 2000. Dessa convivência, nasceu uma grande parceria. A Accor foi um importante patrocinador do Encontro Socioesportivo por muitos anos. Engelhard também lembra, com orgulho, que ele criou e formatou, junto com a diretoria do IBEF na época, o primeiro encontro de executivos de finanças em Campos do Jordão (SP). "Fizemos isso porque acreditávamos – e continuo acreditando – que o IBEF é um fórum muito importante para os executivos de finanças e tem influência para dialogar com as autoridades, apresentando o ponto de vista das empresas", destaca.

Em 2006, Engelhard foi promovido CFO para a América Latina do Grupo Accor, ampliando suas responsabilidades para México, Colômbia, Peru, Chile, Argentina e Venezuela. Em 2009, decidiu enfrentar um novo desafio: voltou para a Europa e ficou, até 2012, como responsável pela operação (COO) da Accor na Áustria. "Foi muito bom porque eu fiz outras coisas além de finanças. Cuidei da operação hoteleira nesse país e também nos pequenos ao redor. Ter essa experiência era algo importante para mim, pois me prepararia para assumir um país maior na sequência – e eu imaginava que poderia ser o Brasil." No entanto, ao final desse período, a opção que lhe ofereceram foi a China.

Engelhard decidiu então deixar o grupo Accor e retornou ao Brasil. Em 2012, recebeu o convite para assumir o cargo de CFO do Grupo Carrefour no Brasil, com o objetivo de apoiar o turnaround da companhia. Ajudou a solucionar pontos críticos e, em 2014, foi promovido para vice-presidente de Relações Institucionais do Carrefour. Sua missão agora é aprimorar o relacionamento da companhia com as autoridades municipais, estaduais e federais, além de cuidar do tema sobre sustentabilidade.

Bem-sucedido, o executivo compartilha algumas lições valiosas: "O mundo empresarial não é fácil. O mais importante é você estar bem com aquilo que faz. Se você encontrar uma coisa que faz sentido e é válida, persista nessa ideia."Mas sem esquecer que respeitar as diferenças é fundamental para trabalhar em equipe. E, por fim, não se acomodar: "Nunca pense que chegou lá, ninguém chegou. Sempre há espaço para aprender". ❖

Stéphane F. E. Engelhard

Palavra que a define: *Tranquilo*
Guru: *Admiro o Fernando Henrique Cardoso*
Uma personalidade histórica: *Winston Churchill*
Estilo musical: *Clássico*
Melhor filme: Les Tontons flingueurs – *Filme francês dos anos 1950*
Melhor livro: Cem anos de solidão, *de Gabriel García Márquez*
Esportes: *Corrida*
O que mais gosta de fazer nas horas de lazer: *Cuidar dos meus três filhos e ler*
Culinária preferida: *Francesa (confit de pato)*
País (fora do Brasil): *Espanha*
Melhor cidade brasileira: *São Paulo*
Férias: *Descobrir novos países*

Aniversariantes

OUTUBRO/NOVEMBRO 2014

OUTUBRO

1/10
» Paulo Silveira Cardoso
» Rodrigo Cristoforo Del Barrio
» Rogério Luis Murat Ibrahim
» Simone Aparecida Borsato Simão

2/10
» Ava Cohn
» Hermínio Paulo Simionato
» Jeffrey Paulati
» Julio Braga Pinto
» Maria Fernanda Vieira Rodrigues Couto
» Miguel Roberto Gherrize

3/10
» Elandia Bandeira da Silva
» Fábio Colletti Barbosa
» Francisco Antonio Valladares Camina
» Ricardo Luiz de Souza

4/10
» Adelino Dias Pinho
» Philip Robert Lejeune
» Regina Helena Jorge Nunes
» Rodrigo Montemor

5/10
» Antonio Colloca
» Hamilton Del Mônaco

6/10
» Cristiano Leão de Andrade
» Luiz Carlos Trabuco Cappi

7/10
» André de Souza Maurino
» Dário Vieira de Lima
» Flávio José Navarro Sequeira
» Paulo Nelson Nakasone Teruya

8/10
» André Luiz Vieira de Freitas Teles
» Douglas Baldassi Simon
» Sidnei Gattai

9/10
» Kleber Carvalho Rocha
» Wilson Francisco

10/10
» Bruno Nunes Vaz
» Carlos Alberto Farraciolli Bispo
» Fábio Luciano Aires
» Leopoldo Viriato Saboya
» Sebastião Daniel de Souza Filho

11/10
» Manoel Andrade Rebello Netto
» Marcio Filomeno de Oliveira

13/10
» Diego Carneiro Barreto
» João Carlos Tavorá Pinho
» Linomar Barros Deroldo
» Thais Moraes de Freitas Marcondes

14/10
» Almir Ferreira de Sousa
» Marco Rafael Domingues

15/10
» Alberto Borges Matias
» Cristiane Barretto Sales
» José Luis Joma Justino
» Waldir Luiz Corrêa

16/10
» Aluizio da Rocha Coelho Neto
» Hugo Antonio Jordão Bethlem
» José Domingo Barral Amoedo
» Leslie Nares Laurenti
» Pedro Francisco Militão Marques

17/10
» Alessandra Mara Rigos Alves
» José Eduardo Boé
» Luiz Gonzaga Murat Junior
» Marcelo Luis Meirelles de Lucca

18/10
» Jose Antonio Ramos
» Júlio Cesar de Andrade
» Rafael Nascimento Flora

19/10
» Eduardo de Toledo
» Fernando Del Debbio
» Guilherme Affonso Ferreira de Camargo
» Josedir Barreto
» Silvan Barros Suassuna

20/10
» Inácia Maria Moura Marçal

21/10
» Antonio Sérgio de Almeida
» Rubens Toshio Akamine

22/10
» Wesley Mendes da Silva

23/10
» Antonio Coló
» Fernando Fonseca Alves Tinoco
» José Eduardo Menegario
» Ivanyra Maura de Medeiros Correia

24/10
» Alcimere Helena de S. Novent

25/10
» Benedito Eduardo Taveira Duarte
» Emilio Sanches Salgado Junior
» Thays Helena Jorge Silvestri

26/10
» Tiago Brasil Rocha

27/10
» Christiaan Van Raji
» Elvio Agnelli
» Jose Antonio Almeida Filippo

28/10
» Antonio Beltran Martinez

29/10
» Julio Cesar Nogueira

30/10
» Daniel Stein
» Luiz Carlos Alves de Souza
» Otacílio Martins de Magalhães Filho

31/10
» Eduardo Tavares Nobre Varella
» Leila Maria de Carvalho Rocha

NOVEMBRO

1/11
» Antonio Ivo Dória do Amaral
» Enio Barbosa de Biasi
» Milton de Medeiros Speranzini

3/11
» Sérgio Villanova Mozdzenski de Lemos Vasconcelos
» Walter Roberto Areias

4/11
» Barbara de Carvalho Fortes
» Claus Peter Polzin
» Denise Goncalves de Souza Correia
» Fabio Azevedo
» Luiz César Benedito
» Paulo Marcos Freitas Cossa

5/11
» Antenor Zendron
» Marcello Veiga Santos
» Octavio Manoel Rodrigues de Barros

6/11
» Charles Laganá Putz
» Christiano Bastos Morales

8/11
» Adriana Henry Meirelles
» Clóvis Rodrigues Giolo dos Anjos
» José Eduardo Severo Martins
» Rogerio Cesar Buso Gomes

10/11
» Cristina Sgambati Martins de Lucena
» Denis Del Bianco
» Pedro Castro Alves

11/11
» Guilherme Monken de Assis
» Jorge Juliano de Oliveira
» Keyler Carvalho Rocha
» Luiz Fernando Chaves e Mello Beraldo
» Luiz Gustavo Mariano

13/11
» Ana Claudia Akie Utumi
» Antonia Maria de Sousa
» Bruna Losada Pereira
» Carlos Roberto Figueira dos Santos
» Juan Francisco Perez Carrillo
» Rodrigo Ferreira La Rosa

14/11
» Edson Massuda
» Guilherme Pessanha de Paula
» Vania Yocida Petrone

15/11
» Moacir José Hilbig

16/11
» Camila Rocha Tafarello Securato
» Elida Cristina Pereira Monteiro
» Fábio Russo Correa

18/11
» Luis Nelson Guedes de Carvalho
» Marcelo Giugliano
» Marcos Vinicio de Arruda Lima
» Wagner Meggiolaro

19/11
» Fabiola D'Ovidio

20/11
» Augusto Ribeiro Junior
» Marcio Artur Laurelli Cypriano

21/11
» Tiago de Cerqueira Souza

22/11
» Cesar Augusto Gomes
» Hugo Eneas Salomone
» Jorge Calos Menezes Simão
» Thiago Wechsler Louro

23/11
» Domingos Savio Malaquias dos Santos
» Fernando Heitor Baptista Vaccari
» Ricardo Guimaraes de Oliveira

24/11
» Elizabeth Kavanagh Alves
» Eloisa Hatsumi Hishida
» Luis Carlos Bellespin Lopez

25/11
» Daniel Joseph Macquoid
» Horácio Rubén D'Abramo
» Otto Nogami

26/11
» Cristina Sampaio Cavalieri Teixeira

27/11
» Atila Noaldo Serejo
» Oscar Luiz Malvessi
» Ricardo Jorge Miglino
» Ricardo Siqueira Hudson

28/11
» Adriano Lima Ferreira

29/11
» Aguinaldo Barbieri
» Cesar Augusto Wanderley Ciavolih
» Jose Carlos Polidoro

30/11
» Helder Munhoz Vieira da Silva
» Marcelo Felipe Kheirallah
» Rodrigo Takashi Okimura

Novos Associados

Aluizio da Rocha Coelho Neto	Construtora Norberto Odebrecht S.A
Antonio Augusto Camilo Coppola	Baker Tilly Brasil Gestão Empresarial Ltda
Antonio Dabus Filho	Trinity Investimentos Ltda
Caio de Freitas Braga	UPS Capital Corretora de Seguros Ltda
Carlos André de Paula Maciel	Panini Brasil Ltda
Christiane Elisabeth Luckmann	Autron Automação Industria e Comercio Ltda
Cristiano Maciel Carneiro Leão	Cepeda, Greco e Bandeira de Melo Adv.
Daniela Fabrocini	CSC Computer Sciences Brasil S.A
Daniela Paola Gonzalez Alejandropilo	Damovo do Brasil S.A
Denise Araujo Francisco	Petrocoque S.A Indústria
Denise Oliveira de Almeida	Odontoprev S.A
Eloi Dantas dos Santos Junior	Intercam Corretora de Câmbio Ltda
Evandro Nunes da Silva Junior	TOTVS S.A
Fabio Figueiredo Filho	Zogbi Maua Soluções Financeiras Imobiliárias
Fernando Hartvig de Freitas	Danaher
Guilherme Monken de Assis	Bergamini Collucci Advogados
Halyson Gabriel de Oliveira	
Hugo Trimmel Jr.	Adisseo Brasil Nutrição Animal Ltda
Joabe Sergio de Andrade	JB Andrade Assessoria
Luiz Ramos e Silva	Grupo Ansell
Marcos José Queiroga Raimondi	Vetor Editora Psicopedagogica Ltda
Maria José de Santana	BercoSul Ltda.
Martiniano Bianchini Medina Braga	DSM Produtos Nutricionais Brasil Ltda
Natalia Maria Ruderman	IBM LA
Nicola Cattozzo	Luxottica Brasil Produtos Oculos e Esportivos
Pedro Francisco Militão Marques	Geofusion Sistemas e Serviços de Informática S.A
Ralph Moise Green	Voyer Brasil Consultoria em Recursos Humanos Ltda
Renata Gomide de Souza	Accenture
Renê Santiago dos Santos	Azul Linhas Aéreas Brasileiras S.A
Ricardo Luiz de Souza	
Ricardo Merrighi de Figueiredo Silva	
Rodrigo Martins Amato	Mark 2 Market Ltda
Rogerio Coutinho Simões	EY
Sérgio Augusto Malacrida Junior	Votorantim Industrial S.A
Sílvia Regina Cruz Valente	Goldman Sachs do Brasil Banco Múltiplo S.A
Silvio Roberto Reis de Menezes	TOTVS S/A
Tiago de Cerqueira Souza	OAS S.A
Valter do Nascimento	Damovo do Brasil S.A
William Inácio de Ávila	Quasi Pronti Participações do Brasil Ltda
Wilson Rodrigues de Faria	WFaria Advigados Associados

Luiz Roberto Calado é diretor da BRAiN – Brasil Investimentos e Negócios

Desafios: finanças islâmicas no Brasil

Os países islâmicos representam hoje um bolsão de liquidez com mais de US$ 1 trilhão em ativos. Quando se fala em mercado islâmico, deve-se levar em consideração não apenas os países árabes, mas também os asiáticos, como Malásia, Tailândia e Indonésia. Segundo a Revista *The Economist*, esse mercado deverá chegar a US$ 2,6 trilhões em 2017, considerando-se o potencial de bancarização islâmico no mundo.

Centros financeiros como Londres e Paris especializam-se cada vez mais nesse mercado. Em outubro do ano passado, o próprio primeiro ministro britânico, David Cameron, declarou sua intenção de que Londres seja, ao lado de Dubai, uma das grandes capitais de finanças islâmicas do mundo. Além de Inglaterra e França, países como Japão e Austrália têm atraído um número cada vez maior de investidores do mundo islâmico, uma vez que dispõem de um conhecimento profundo sobre o tema.

Em maio deste ano, visitamos, pela BRAiN (Brasil Investimentos e Negócios), cinco países do Oriente Médio. Obtivemos muitas informações interessantes, como a de que 25 empresas brasileiras estão presentes na Jebel Ali Free Zone, em Dubai. O comércio entre esses países e o Brasil chega à casa dos US$ 20 bilhões. Vale ressaltar, inclusive, que diversas plantas industriais de alimentos no Brasil são totalmente dedicadas à produção de produtos halal.

Atualmente, o maior exemplo de sucesso quanto à presença nos mercados islâmicos é o do grupo BRF, que realizou as primeiras missões de prospecção nesses países ainda nos anos 1990. Para o Brasil, as finanças islâmicas representam um enorme potencial para o financiamento das obras, como as de infraestrutura, ou mesmo as dos Jogos Olímpicos brasileiros, já que foram fonte importante de financiamento dos jogos de Londres em 2012.

O conhecimento dos dois princípios que regem as finanças islâmicas é fundamental para qualquer delegação que queria acessá-las. Ainda que não haja um padrão único de finanças nos diversos países muçulmanos, alguns preceitos essenciais são seguidos, tais como a impossibilidade de se investir em empresas que atuem no ramo de bebidas alcoólicas, lucro com usura ou criação de suínos.

Destaca, logo de início, a proibição da *riba* ou usura (pagamento de juros). Outro princípio é a proibição da especulação ou risco (*gharar*), segundo o qual não se pode vender uma coisa que ainda não existe. Como estruturador de uma operação, o banco tem de estar atento a esses riscos, já que a falta de padronização torna a indústria financeira islâmica especialmente desafiadora.

Desafios a serem endereçados

1. Consolidação dos balanços de bancos: os bancos brasileiros que operam no exterior segundo preceitos das finanças islâmicas teriam balanço impactado negativamente ao consolidar suas operações no Brasil. Nesse ponto, cabe uma consulta ao Banco do Brasil, que já possui experiência nesse tipo de operação.
2. Países como os Emirados Árabes são considerados paraísos fiscais, segundo a legislação brasileira. É possível estimular os investimentos desses países criando regras específicas para investimentos em determinados setores, da mesma forma que foi feito com Cingapura, também classificada com paraíso fiscal.
3. Para transformar uma operação tradicional de juros em uma de finanças islâmicas é necessário simular uma manobra comercial, sujeita a ICSM, PIS-Cofins etc. A usura é transformada, por exemplo, em operações de compra e venda de mercadoria, ou aluguel. Como lidar com esse desafio?
4. O que impede hoje que o Brasil seja mais procurado pelos investidores dos Emirados Árabes Unidos, por exemplo, é a falta de um acordo de bitributação.
5. Limites de investimento em produtos não financeiros para instituições financeiras.
6. Regras tributárias específicas: substância sobre a forma.
7. Brasil trata a diferença entre capital investido e resgatado como rendimento/juros.
8. MP 627/2013 – Tributação de dividendos?
9. Riscos de abuso de forma em caso da concessão de tratamento tributário diferenciado.

Um ponto forte no currículo do executivo de finanças

Fortalecer e ampliar a rede de relacionamentos e manter-se atualizado é essencial para o sucesso na carreira profissional. Especialmente nos momentos difíceis.

O IBEF SP - Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças de São Paulo – entidade sem fins lucrativos –, além de oferecer oportunidades excepcionais de *networking*, proporciona a seus associados e associadas atualização e intercâmbio. Tanto nos eventos que realiza com expoentes do setor, renomados especialistas e autoridades governamentais, quanto nos encontros de integração e convívio.

Para os profissionais experientes, o Instituto é o caminho direto para o contato com colegas posicionados no topo de importantes empresas.

Para os jovens executivos é a porta mais ampla de entrada da comunidade brasileira de finanças.

Associe-se ao IBEF SP

11 3016-2121/www.ibefsp.com.br

IBEF INSTITUTO BRASILEIRO DE EXECUTIVOS DE FINANÇAS São Paulo

EDF

O ESTADÃO SAI NA FRENTE OUTRA VEZ: NOVA SEÇÃO **"FATOS RELEVANTES"**. UMA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS PARA O MERCADO DE CAPITAIS.

AGORA NÃO TEM MAIS COMO ELES **PASSAREM DESPERCEBIDOS**.

WMCANN | ESTADÃO

As **decisões de um investidor** são tomadas a partir das **informações divulgadas a respeito das empresas**. Por isso, de agora em diante, você conta com um grande aliado para estreitar a relação da sua empresa com os investidores: a seção **"Fatos Relevantes"**, no **estadao.com.br/economia**. Lá, os fatos relevantes de TODAS as empresas de capital aberto estarão disponíveis aos leitores, poucos minutos após serem arquivadas na CVM. As mensagens podem ser pesquisadas por empresa e por data. A medida visa atender a Instrução CVM 547/14, que entrou em vigor em 10/3/2014.

Nada melhor para a sua empresa do que disponibilizar seus números em um dos grupos de comunicação mais respeitados do Brasil.

O 3º portal de notícias mais acessado do país*.

O **ESTADAO.COM.BR** atinge **9,7 milhões** de visitantes únicos**.

11X

O Estadão é o jornal de maior prestígio e credibilidade, **eleito pela 11ª vez o mais admirado do país*****.

Uma **integração** do Estadão com Agência Estado/ Broadcast.

QUER RESULTADOS? ESTADÃO

*Fonte: Nielsen BOPE - NetView - Standard Metrics (Internet Applications Included) - usuários únicos (000) - abril/2014 - Home and Work - Brasil. Categoria: News And Information. SubCategoria: Current Events And Global News. **Fontes: comScore Media Metrix (M) Estadão. Total de visitantes únicos, audiência brasileira. 6+ PC e Laptop (casa & trabalho) abril/2014. ***Pesquisa realizada pelo Grupo Troiano de Branding com exclusividade para a publicação Meio & Mensagem.

Acesse a seção **"Fatos Relevantes"** pelo **estadao.com.br/economia**.
Mais informações com nossa equipe comercial: **11 3856-2080**.